

# TRAVESS

revista do migrante

Publicação do CEM - Ano X, número 27, Janeiro-Abril/97

ISSN 0103-5576

# NOMADISMOS

# TRAVESSIA

Revista do Migrante

## CEM - Centro de Estudos Migratórios (Federação dos CEMs J. B. Scalabrini)

Publicação quadrimestral, voltada ao estudo e divulgação da realidade do migrante a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, econômico, educacional, cultural, etc.

### Diretor

Sidney da Silva

### Editores

Dirceu Cutti

Sidnei M. Dornelas

### Jornalista Responsável

Antonio Garcia Peres (MtB 3081)

### Conselho Editorial

Carlos B. Vainer

Francisco Nunes

Heinz Dieter Heidemann

Hermilo E. Pretto

José Giacomo Baccarin

José Guilherme C. Magnani

José Jorge Gebara

Luiz Bassegio

Wanderluce Pessoa Bison

### Conselho Consultivo

Alfredo J. Gonçalves

Cláudio Ambrózio

Edgard Malagodi

Ermínia Maricato

Marilda A. Menezes

Marília P. Sposito

Milton Schwantes

### Capa

Arte: 2M Criação e Produção Gráfica Ltda

Foto: Arquivo pessoal de Virginia R. S. Bueno

### Editoração Eletrônica

Dirceu Cutti

### Impressão

Gráfica e Editora Peres Ltda - F:(011)7209.13.87

### Endereço para correspondência

Rua Vasco Pereira, 55 - Liberdade

CEP 01514-030 São Paulo/SP - BRASIL

Fone: (011)278.62.27 - Fax: (011)278.22.84

E-Mail: cemsp@nutecnet.com.br

# ÍNDICE

**5** EU PODERIA FUGIR COM ELES  
*De Paulo Pedro Garcia*  
*Por Dirceu Cutti*

**8** CIGANOS  
*Mirella Karpati*

**12** ENTRE O NOMADISMO E O  
SEDENTARISMO: Os Ciganos Circenses  
*Heloisa Pires Lima*  
*Rosana Fernandes*

**15** A GLOBALIZAÇÃO E O ESPAÇO DO CIDADÃO  
Espaço Global - Mundo Fragmentado  
*Virgínia R. S. Bueno*

**22** NAS TRILHAS DE LAMPIÃO  
O Nomadismo como Estratégia  
*Ana Claudia Duarte Rocha Marques*

**25** O QUE DISTINGUE O NOMADISMO  
DA MIGRAÇÃO?  
O Caso do Cangaço de Lampião  
*Jorge Luiz Mattar Villela*

**29** TRECHEIROS E PARDAIS  
Trajetórias Nômades  
*Felipe Faria Brognoli*

**34** HABITANTES DE RUA  
Um Caso de Nomadismo Urbano  
*Claudia Turra Magni*

*Os artigos assinados são de responsabilidade de seus autores*

## NOMADISMOS: dos pastos ao asfalto

*"A vida dos nômades é o triunfo verdadeiro da capacidade de invenção humana". (TOYNBEE)*

**Q**ual final, de quem estamos falando? Nômade! Quem é? Não é difícil encontrar em diversos estudos sobre migrações referências ao "nomadismo", ou a relações denominadas "semi-nômades". Em geral, utilizado sem preocupações conceituais, o termo refere-se a fenômenos de uma mobilidade territorial constante. Na linguagem coloquial, o tradicional grupo dos nômades das pastagens, social e culturalmente estável, confunde-se com qualquer outro grupo ou indivíduo de vida errante. O Nomadismo dos caboclos aparece tanto quanto o dito "nomadismo tendente" dos nordestinos.

De outro lado, há aqueles cientistas sociais "rigorosos" que conceituam o "nomadismo" como a etimologia ensina, exclusiva e definitivamente para os povos nômades com atividades pecuárias. O nomadismo é assim um modo de vida bem delimitado, com uma organização econômica, social e cultural claramente determinada, que nos tempos contemporâneos parece estar em decadência, ou até, em desaparecimento definitivo e irrecuperável. Ligam o nomadismo exclusivamente a uma região específica: uma faixa desértica do norte da África, do Oriente Médio e da Ásia, na qual os povos nômades circulam sob forte determinação do espaço físico construindo o seu modo cultural-ecológico.

Sabemos que noções e conceitos podem ser desrespeitados pelos escritores. Mas sofrem também alterações nos processos contraditórios das reestruturações sociais. Assim, o nomadismo que era apenas "atraso" e "em degeneração", está sendo redefinido e renasce em conceitos de novas "nomadologias".

A "imobilidade móvel" e a adaptação permanente às condições ecológicas, e mais ainda econômicas e políticas caracterizam o "novo nômade" na busca de alternativas territoriais para a sua sobrevivência. Chegando ao mundo do asfalto, o nomadismo perde como seu aspecto predominante o condicionamento físico-natural.

Nômades tradicionais e novos encontravam-se e encontram-se, ainda hoje, sempre no conflito com os sedentários. À medida em que a história é relida, enfatizando as passagens em que esses conflitos emergem com maior violência, cabe advertir para as permanentes ameaças do genocídio, tanto nos territórios brasileiros, quanto na dimensão mais longínqua e universal quando curdos morrem, mongóis são aniquilados e ciganos europeus sofrem agressões.

Visto pelos olhos tanto dos sedentários quanto dos próprios "novos nômades" e enfatizando as questões culturais e étnicas da migração, este número 27 da Travessia traz reflexões, às vezes polêmicas, sobre os "novos nomadismos". Trata-se de um fenômeno de uma grande multiplicidade empírica como as páginas seguintes comprovam: "trecheiros" e "pardais", cangaceiros e ciganos, nas poeiras do campo e no asfalto das cidades.

*Heinz Dieter Heidemann*

# BIBLIOTECA DE MIGRAÇÕES

O CEM (Centro de Estudos Migratórios), dispõe de um Centro de Documentação, com uma Biblioteca Específica de Migrações. Reúne livros, artigos, teses, monografias, revistas nacionais e internacionais, bem como periódicos que dizem respeito à questão migratória.

## Horário de Atendimento:

A Biblioteca está aberta ao público, de segunda à sexta-feira, das 8:30 às 12:00 hs.

*Solicitamos doações de teses e monografias atinentes ao tema Migração*

## Temáticas do Acervo

MIGRAÇÃO INTERNA  
MIGRAÇÃO INTERNACIONAL  
MIGRAÇÃO NO BRASIL  
TERRA  
URBANIZAÇÃO  
DADOS DEMOGRÁFICOS E ESTATÍSTICOS  
CULTURA  
ECONOMIA  
Religião

## CONHEÇA, LEIA E DIVULGUE

### TRAVESSIA - Revista do Migrante

Assine e Adquira os Números Atrasados

### Números Publicados

- 01 - Sazonais
- 02 - Cidade
- 03 - Fronteira Agrícola
- 04 - Violência
- 05 - Voto
- 06 - Barragens
- 07 - Cultura
- 08 - Trabalho
- 09 - Família
- 10 - Religião e Religiosidades
- 11 - Estrangeiros
- 12 - Educação
- 13 - Pena de Morte
- 14 - Migrar e Morar
- 15 - Tempo e Espaço
- 16 - Desemprego e Subemprego
- 17 - Imagens
- 18 - Novas Tecnologias
- 19 - Identidades
- 20 - Saúde
- 21 - Emigração
- 22 - Retorno
- 23 - Metrôpole
- 24 - Índios e Territórios
- 25 - Deslocamentos Compulsórios & Restrições à Migração
- 26 - Mulher Migrante

### Escreva ou telefone para:

REVISTA TRAVESSIA  
RUA VASCO PEREIRA, 55  
SÃO PAULO - SP  
01514-030  
FONE: (011) 278.62.27  
FAX : (011) 278.22.84

Escolha os números que deseja receber, faça você mesmo as contas e, junto ao pedido, envie o pagamento através de cheque nominal ou Vale Postal endereçado para a Agência de Correio Pça. João Mendes-SP, código nº 72502302, sempre em nome de Centro de Estudos Migratórios, ou ainda através de depósito bancário nominal à Pia Soc. Dos Miss. De S. Carlos, Bco. Itaú, Ag. 0151, c/c 34696-2 e envio do respectivo comprovante.

### Valor da assinatura

- ( ) Ass. válida por 1 ano ..... R\$ 15,00  
( ) Ass. válida por 2 anos..... R\$ 25,00  
( ) Ass. válida por 3 anos..... R\$ 35,00  
Exterior (1 ano)..... US\$ 20,00

### Números avulsos:

- Exemplares do nº 1 ao 7..... R\$ 2,00 cada  
- Demais exemplares: Nº avulso..... R\$ 5,00 cada  
Quantidade..... R\$ 4,00 cada  
- Coleção completa..... R\$ 55,00

## depoimento

## "EU PODERIA FUGIR COM ELLES"

De Paulo Pedro Garcia  
Por Dirceu Cutti

*Este depoimento, uma espécie de colcha de retalhos, foi extraído de um depoimento maior publicado no livro "O Padre Cigano", (FUMARC, Belo Horizonte, 1995), onde seu autor narra, com a pureza d'alma que Deus lhe deu, de como sua paixão nata pelo mundo cigano, amalgamada mais tarde pela opção sacerdotal, o transformou, um dia, num padre cigano. Capichaba, natural de São José do Calçado/ES, Pe. Paulo faz de sua vida um eterno acampar. Embora sem podermos interromper sua conversa com nossas curiosidades, deixemos que ele proseie conosco.*

Naquele dia chuvoso eu estava na janela apreciando a enxurrada e eles desceram a ladeira com a grande tropa. Era a primeira vez que eu admirava toda aquela gente com seus trajes e almofadões multicores sobre os animais com arreios e freios enfeitados de prata. Algumas éguas tinham suas crinas torcidas em grossas tranças, cujas pontas terminavam com belos laços de fitas de diversas cores. Eles nunca passavam pela ladeira, rua principal da minha terra. Mas a estrada que contornava a periferia estava intransitável e por isso permitiram-lhes atravessar a cidade.

Naquele meio-dia chuvoso e escuro eu não consegui fugir pelo portão do quintal para ir vê-los mais de perto. Na mesa do lanche, enquanto servia para os filhos gostosos biscoitos fritos, mamãe comentou, em tom de advertência, que aqueles eram os ciganos e que devíamos ter muito cuidado, porque eles roubam coisas, animais e crianças. Quebrei o silêncio que permaneceu no ar, após as advertências de mamãe e perguntei de onde eram os ciganos, de onde vinham e o que faziam. Nem ela, nem minha irmã souberam responder. A vizinha que estava presente murmurou alguma coisa a respeito de andarilhos, vagabundos e voltou a repetir o que mamãe já havia dito acrescentando com ênfase que eles rogavam muita praga e matavam as pessoas.

Naquele resto de tarde e pedaço de noite eu fiquei me perguntando: "Ciganos? Quem são os ciganos? De onde vieram? Para onde vão? O que fazem? Como vivem? Por que nós não somos ciganos?... Um dia ainda vou perguntar para eles. Eu

poderia fugir com eles. Eu quero vê-los de perto. Eu quero conversar com eles..."

Na "hora de criança dormir", deitado em minha cama eu sonhava acordado e tentava imaginar o que os ciganos, naquele momento, estariam fazendo. Onde teriam colocado todos aqueles animais? Será que tinham cama para eles e seus filhos? Estariam dormindo debaixo de árvores? Mas onde estavam, no campinho da pinguela, não havia árvores!... Eu tive vontade de fugir e ir até lá para encontrar as respostas das minhas perguntas. E eu fugi: transpuse as portas e janelas da ânsia do meu pequeno coração e caí de cheio na rua escura do sono...

\*\*\*

Era tempo de férias e, logo depois do café da manhã, como menino fujão, eu corri ladeira abaixo em direção ao campinho. Eu estava diante de um Acampamento Cigano! Via uma porção de barracas de lona, roupas penduradas em cordas secavam ao sol, crianças corriam de um lado para o outro; havia galinhas, patos, um cabrito e cachorros rodeando as barracas. Dentro delas homens e mulheres comiam ao redor das panelas. Aproximei-me um pouco mais e vi que tudo e todos estavam sobre uma lona que cobria o chão e que, apesar de ser ainda cedo, já estavam almoçando. Um pouco temeroso e como quem procura ver o que lhe é proibido, andei ao redor do acampamento passando por detrás daquelas barracas que me pareciam encantadas. Cheguei a ouvir que falavam, de vez em quando, uma língua diferente.

Somente mais tarde, lendo uma publicação, descobri que os ciganos têm muito

a ver com os circos e os circos muito a ver com os ciganos. Grandes e pequenos circos, quando seus donos não são ciganos, muitos artistas e quase sempre os melhores, são ciganos. Gente corajosa, forte, acostumada à itinerância, paciente e perseverante para aprender e fazer até dar certo, colocando a fantasia nos olhos da gente como coisa real, enfrentando riscos verdadeiros ou aparentes, os ciganos foram e continuam sendo os grandes saltimbancos, trapezistas, ilusionistas, malabaristas, palhaços, músicos e perfeitos camelôs de espetáculos nem sempre bons que sua palavra convincente transforma em "ótimo espetáculo", "o espetáculo nunca visto" e até "o maior espetáculo da Terra".

O estilo de vida é quase sempre o mesmo. Todos estão sempre a caminho. Todos são nômades. Todos enfrentam desafios, incompreensões, marginalização e preconceitos. Mais tarde aprendi que o tronco do Povo Cigano está na Índia, seus ramos estão espalhados pelo mundo afora e suas raízes chegam até o Patriarca Abraão e todo o seu povo andante. Existem várias raças ou nações ciganas, com costumes e tradições fortes e semelhantes. No mundo todo falam uma única língua. Não têm uma religião própria. Crêem em Deus, em Nossa Senhora e em vários santos.

Possuem um código de ética próprio que, assim como a língua, não está escrito em lugar nenhum e é passado oralmente de pai para filho. Vivem do comércio, vendendo ou trocando objetos, animais, jóias ou coisas que fabricam. São especialistas em trabalhar com o cobre, a prata e o ouro. Exímios dançarinos e musicistas, trouxeram para nós o violino, o acordeão e o

pandeiro. Deram origem aos Circos e Parques de Diversão e são grandes artistas de palco e picadeiro. Inspiraram muitas óperas, danças de balé no mundo inteiro.

Mais tarde, quando passei a conviver mais de perto com os ciganos, aprendi que as diferentes raças se originam de dois grandes grupos: Rom e Calão. Daí existirem, por exemplo: Calderasha, Lovara, Maçvais, Moldovais, Horohané, Gorbeta, Doreski, Chucureski, Puroneski, os Sinti e muitos outros.

Essa gente que nunca aspirou ao poder e que nunca promoveu uma guerra, perseguida em todos os lugares, cremada aos milhares pelo Nazismo e pela Inquisição, vítima de muitas discriminações e preconceitos por parte dos cristãos, conserva uma grande persistência e coragem.

Um grupo cigano é sempre muito unido, hospitaleiro e pratica a partilha. Tudo é de todos. Quem tem mais ajuda a quem tem menos. A palavra empenhada não pode voltar atrás. A fidelidade conjugal entre eles é vivida a toda prova. A virgindade da moça antes do casamento é um valor indiscutível. As drogas não entram nos acampamentos. As bebidas são usadas apenas nas festas. Não se pratica o aborto. A criança é a bênção do grupo. O velho é a honra do grupo. Nada é feito sem o consentimento do mais velho. Os velhinhos não são colocados em asilos. As crianças não são internadas. Paralíticos e doentes são carregados amarrados sobre tábuas, no lombo do burro, quando o grupo é tropeiro. Ninguém fica para trás.

Se arrancarmos seus adornos, permanecerá sua pele. Se trocarmos sua pele, ficará seu sangue. Se fizerem a transfusão desse sangue, permanecerá o mais importante, imutável, eterno: a alma cigana.

A vocação do cigano é vivenciar sua filosofia de vida: A Terra é minha Pátria, o Céu é o meu teto e a minha religião é a Liberdade. A pureza, ingenuidade, falta de noção de tempo, de espaço, medo do desconhecido, de fantasmas, assombrações e a cobiça de ganhar também até as coisas mais simples que outro recebeu, são características que fazem parte do pequeno universo da mente dos ciganos desde a infância até a velhice.

Uma ótima lição que os nômades nos dão é a participação das crianças e dos jovens em tudo que a família ou grupo está vivendo ou sofrendo. Não há segredo entre

eles quanto a isto. Logo cedo a criança aprende o idioma cigano (Romani); sabe dos negócios do pai; dos inimigos da família; montar um animal ou manobrar um veículo; armar e desarmar a barraca; ir ver se alguém pode ou não pode ir a algum lugar que oferece certo perigo; acompanhar os visitantes e conversar com eles para ver se têm reta intenção, se são amigos de verdade, etc.

Sempre achei que as barracas dos ciganos, bem como suas vestes, suas arcas e certos utensílios possuem um certo mistério e muitos segredos. Mas, entre eles mesmos, não há nada oculto. Se o problema afeta a família ou o grupo, todos sabem de tudo, desde as crianças até os mais velhinhos. Estes são sempre consultados, porque têm conselhos sábios e a experiência dos muitos anos de caminhada. São eles que contam as histórias e passam as tradições para os filhos e demais descendentes. Às vezes, um negócio não é concretizado se a velha cigana tiver algum mau presságio quanto às consequências dele.

\*\*\*

Foi com incontida alegria que li no *Jornal de Opinião*, da Arquidiocese de Belo Horizonte, uma página inteira dedicada à Pastoral dos Nômades. Aquele jornal católico apresentava o artigo em forma de reportagem. Falava da existência dessa Pastoral no mundo inteiro e do seu início recente no Brasil - começo dos anos 90 -, quando aqui chegou o padre italiano Renato Rosso, com uma experiência de

mais de vinte anos de trabalho junto aos nômades. Tudo com a aprovação e o acompanhamento de uma Comissão Pontifícia para a Pastoral das Migrações e Itinerantes e o apoio da CNBB-Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. O artigo daquele jornal veio tirar muitas dúvidas que eu possuía. Falava que a Pastoral faz parte do Setor da Pastoral Social da CNBB, que um bispo é seu coordenador e responsável em nível nacional e que os objetivos principais dela são:

a) Ser presença da Igreja junto dos nômades (ciganos, circenses e parquistas), rezando por eles e com eles, celebrando os momentos que eles mais valorizam: o nascimento, o batizado, o casamento e a morte.

b) Realizar junto deles uma promoção humana ensinando a ler e escrever (aproximadamente 90% são analfabetos por falta de uma escola itinerante) ou fazendo algum pequeno artesanato.

c) Através de pregações, palestras e encontros, informar a comunidade sedentária sobre a vida e a cultura dos nômades, mostrando os valores positivos que cultivam na sua história milenar. Geralmente, o povo só sabe coisas negativas a respeito deles. Por essas e outras, tornei-me padre cigano.

\*\*\*

Muitas vezes os ciganos falam comigo: "O senhor é mais cigano do que nós". Muitos acham que sou filho ou neto de ciganos, pelo menos algum sangue cigano

Foto enviada por pe Paulo



Pe Paulo em dia de festa cigana ao norte do Estado do Espírito Santo

corre em minhas veias. Às vezes viajando muito mais que eles para me encontrar com tantos grupos nos mais diferentes lugares do Brasil, por certos costumes, roupas ou gestos sou considerado como um deles. Jamais desejei curtir algo diferente ou aparecer mais com calças e camisas coloridas, pulseiras, cordões e anéis, diante de quem quer que seja. Na verdade se uso trajes e cultivo certos hábitos e modos ciganos desejo apenas experimentar as mesmas discriminações, desconfianças, desprezos, zombarias e desfeitas que eles sofrem.

Certa vez escutei uma balconista de lanchonete falar para o caixa: "O café é seis cruzados, mas daquele cigano ali, você cobra dez cruzados." À noite, na Igreja matriz daquela cidade, a mesma moça baixou a cabeça quando me viu celebrando a missa e ouviu a minha pregação solene sobre os preconceitos contra nossos irmãos nômades.

Quantas vezes, num ônibus ou lugar público as pessoas se levantaram de repente quando me sentei ao lado delas. Até mesmo em várias casas paroquiais e igrejas já fui impedido de entrar e celebrar a missa. Certos bispos, padres, religiosos e muitos leigos me olham de modo esquisito.

\*\*\*

Geralmente o dia no acampamento começa às cinco horas da manhã. Acende-se o fogo e a maioria toma café puro. O almoço acontece entre às 7h30 e 8 horas e logo depois dele as ciganas saem para praticar a leitura da sorte e conseguir o necessário para o jantar e o almoço do dia seguinte. Os homens ficam em casa, cuidando das crianças, fazendo algum trabalho artesanal e negócios ou barganhas de animais, carros, rádios, pulseiras, anéis, cordões, roupas, colchas, tapetes, peças de cobre ou outros objetos. São ótimos joalheiros e douradores. Como os antigos nômades do Oriente, os ciganos vivem do comércio.

Tanto nos negócios como em certas propostas ou promessas - o casamento, por exemplo, é prometido pelos pais quando os dois candidatos são ainda crianças -, palavra empenhada é um ponto de honra e não pode voltar atrás, a não ser com mútuo e bem antecedido entendimento das partes.

Por volta das 15 horas as ciganas voltam para o acampamento e o jantar é

servido às 16 horas.

A comida dos ciganos é frugal: arroz, feijão, carne, uma verdura ou macarrão. Não há lanche e o café puro é servido o dia todo, sobretudo quando chega uma visita. Alguns fazem ótimos chás. É claro que esses hábitos, costumes, bem como roupas, variam um pouco o seu estilo nas diferentes raças ciganas.

Após o jantar as famílias se reúnem para conversar, contar casos ou comentar os fatos daquele dia naquele lugar. Ao escurecer o fogo é aceso. Para o cigano ele é sinal de vida, de saúde, de força. Todos se reúnem ao seu redor diante de suas barracas e esse é um dos mais bonitos momentos do dia. As roupas com os mais diversos coloridos, as pulseiras, cordões e anéis, bem como as botas e chapéus com detalhes prateados ou dourados, brilham ao se movimentarem ao redor da fogueira e formam uma coroa da apoteose do balé de mais um dia de vida: o hoje que os ciganos viveram intensamente.

No máximo às 20 horas, todos já estão dormindo, com a mesma roupa que passaram o dia. O silêncio é total e ninguém mais (a não ser com grande estranheza por parte do grupo) entra ou sai.

\*\*\*

A coragem, a força e a perseverança estão presentes também nos circos, pois muitos dos seus donos, artistas e funcionários são ciganos. Na Europa a percentagem dessa presença na tenda dos fascinantes espetáculos chega a 50% e os números mais eletrizantes são apresentados por eles, geralmente. Devido à existência de preconceitos, nas companhias circenses esses filhos dos antigos saltimbancos e criadores das atraentes pantominas preferem não revelar sua origem e identidade.

Acrobatas, mágicos, palhaços, trapezistas, bem como animais e seus domadores fazem brilhar os olhos das crianças, dos jovens e adultos que voltam a ser crianças num mundo de beleza, fantasia e coragem, num harmônico concerto de luzes, cores e sons. Às vezes, mesmo doentes, cansados ou tristes, os trapezistas têm que voar no ar, os malabaristas não podem errar e os palhaços têm que fazer o público rir, mesmo quando uma lágrima rola sobre sua maquiagem.

No mundo do circo, vários mundos estão presentes. Não apenas porque ele

possui artistas de diversas regiões ou nacionalidades, mas, sobretudo, porque cada um deles é um mundo diferente no eclético universo da grande tenda onde vibram - com lantejoulas, paetês e sedas maravilhosas -, a vida, a garra, a paixão, o amor e a certeza de que o espetáculo de hoje será grande, esplêndido, maravilhoso - o maior espetáculo da terra. Um espetáculo que não pode parar. E, no mundo do parque de diversões, tudo é festa: luzes, cores, som e movimento revelam o espírito cigano que o anima. Tudo gira, balança, canta, dança e salta de alegria.

\*\*\*

Na medida em que a vida comercial desapareceu das vilas e pequenas cidades, com o fenômeno do Êxodo Rural, os terrenos baldios foram sendo ocupados pela construção de casas na dolorosa "inchação" que outras cidades maiores passaram a sofrer. As cercas ao redor das propriedades e a pavimentação asfáltica das rodovias sem nenhum acostamento, foram deixando os ciganos cada vez mais sem lugar para acampar. Praticamente, nunca mais podem voltar àqueles lugares e são obrigados a lutar por um espaço na periferia das periferias dos grandes centros urbanos.

Às vezes num só dia são escorraçados várias vezes em diferentes lugares.

Lembro-me que certa vez armamos e desarmamos nossas barracas três vezes em diferentes lugares na periferia de uma cidade. Gente da Prefeitura, da Delegacia e da Associação dos Moradores do bairro diziam sempre o mesmo: "Aqui não pode ficar! Fora, fora daqui!" "O mundo é o mesmo, mas os corações mudaram para pior" - comentou uma velha cigana naquela noite ao redor do fogo. Estávamos tão cansados que armamos as barracas de qualquer jeito e dormimos sobre a terra nua, pois não tínhamos forças nem para forrar o chão. Estávamos num lugar horrível, onde todo o lixo da redondeza era jogado. Mas assim como os mais bonitos lírios que nascem e crescem nos pântanos, ali desabrocharam belas flores de amizade, confiança e fraternidade. Uma comunidade eclesial muito consciente de sua responsabilidade abriu os braços para nós. Vivemos dias de boa sorte e ricas bênçãos.



# CIGANOS

Mirella Karpati\*

(Traduzido do italiano por Ermilo E. Pretto)

**Q**uem é o cigano? O que é que faz do cigano um cigano? Uma história comum, uma língua comum, tradições e costumes comuns? Todos esses fatores, que são elementos fundantes de uma etnia e que, ao lado do território e da estrutura política, constituem um povo, não chegam a ser tão determinantes para os ciganos. Excetuando a ausência de território e de estrutura política própria, os outros elementos se

revelam segmentados em variações infinitas de tal forma a constituir um quadro fluido, em permanente mutação, dando a impressão de fugir ao vínculo de uma definição. No entanto, onde quer que viva nos cinco continentes, o cigano afirma com orgulho: "*Rom sim, sou cigano*".

Esse talvez seja o primeiro elemento fundante da ciganidade: a afirmação da própria identidade. Cada rom conhece o outro rom, nos diversos países e nas dife-

rentes situações, enquanto tal em contraposição ao gajo, o não-cigano, indiferentemente de ele ser europeu ou asiático, americano ou australiano. Portanto, uma afirmação por oposição: nós os rom, o mundo dos homens (rom significa homem) e os outros, os gajo, ligados à casa, à posse da terra. Mas esta identidade, que se revela unívoca por oposição aos que lhe são diferentes, absolutamente não é assim em nível interno. Os ciganos subdividem-

Foto enviada pela autora



se numa multiplicidade de grupos e sub-grupos, dos quais continuamente se desprendem novos segmentos. É um exemplo típico de uma sociedade centrífuga - tal como Erikson definia a dos índios nômades da América - oposta à centrípeta da cultura ocidental, que há séculos busca unidade de língua, de costumes, de valores, no quadro da ideologia do estado-nação.

O forte crescimento demográfico (embora no passado estivesse condicionado por elevada mortalidade), o constituir-se de novas famílias, a busca de novos recursos econômicos, levam necessariamente à dispersão: e esta, unida à influência das várias culturas que acolhem, leva à diferenciação. Cada grupo se define na distinção em relação aos outros, aliás acentuando as diferenças para afirmar a própria identidade (*Amen san cace roma*, nós somos os verdadeiros ciganos). Por conseguinte, aquilo que o estudioso pode observar num grupo, não se estende necessariamente ao universo cigano, com o risco de estar descrevendo um cigano inexistente. Para se chegar, portanto, a uma descrição confiável, será necessário encontrar quanto seja redutível a um denominador comum, ressaltando que, no contato direto com cada grupo, é necessário prestar atenção às variantes, agir com clareza para não violar os severos códigos de comportamento, enfim estar disponíveis à escuta no respeito aos interlocutores.

## A História

O destino dos ciganos foi fortemente marcado pelas políticas adotadas em relação a eles, políticas de exclusão, de repressão, de assimilação: de todo modo, sempre de negação. Tendo partido da Índia antes do ano Mil, não se sabe por qual motivo e provavelmente em grupos distintos e em épocas diferentes, os ciganos historicamente são encontrados já estabelecidos entre os séculos XIII e XIV no Império Bizantino. Mas dois eventos históricos determinaram um novo êxodo: o avanço dos turcos e a redução à escravidão nos principados danubiano-balcânicos, escravidão essa abolida somente na segunda metade do século dezenove. Os cronistas europeus de 1400 anotam com diligência

sua passagem, atraídos pelo esplendor dos chefes, que ostentam títulos de voivoda, duque ou conde, pelas mulheres vestidas de forma estranha, pelos bandos de crianças carregadas por vezes em cestas no lombo de burros e cavalos, pela cor esverdeada da pele, que despertava obscuros temores. Os chefes concediam salvo-condutos do imperador Sigismundo e do papa Martinho V, que lhes garantia a 'liberdade de julgar', isto é, o privilégio de não estarem submetidos à justiça comum, privilégio esse que, tendo permanecido em vigor no império ausburgo, foi abolido por Maria Teresa em 1767.

A essa primeira grande difusão na Europa ocidental seguiram-se, ao longo dos séculos, outros deslocamentos de relevo, motivados por eventos bélicos, ou por razões econômicas, ou ainda pela deportação nas colônias da América e da Austrália a partir de 1500. Portugal, além de para o Brasil, os deportou para Angola e para Cabo Verde na África.

A primeira chegada dos ciganos ocorreu numa época de grandes transformações: estavam em fase de constituição os grandes estados modernos e era funcional à formação da consciência nacional a exclusão dos estrangeiros e de quantos se revelassem diferentes em razão de língua, religião ou costumes. Foram significativas as medidas de Fernando, o Católico, que, após haver unificado a Espanha sob o seu cetro, expulsou do reino em 1492 os mouros e os hebreus, acrescentando em 1499 também os ciganos. Em 1498 a Dieta do Império, tendo-se reunido em Augusta, já havia proclamado que quem provoca danos ou mata um cigano, não comete crime. A isso acrescentava-se uma situação especialmente difícil: carestias, pestilências, que dizimaram as populações européias, guerras de religião ou de predomínio provocaram êxodos e dispersões de gente reduzida à miséria e aterrorizada. A partir de 1500 multiplicaram-se os decretos de expulsão atingindo os ciganos mas igualmente vendedores ambulantes, mendigos, estrangeiros, tocadores, atores e até mesmo agricultores (Bolonha, 1591). Quem se contrapunha à expulsão era punido com a flagelação, com a amputação do nariz ou das orelhas, com a morte.

Mas houve também quem pensou em

explorar essa força de trabalho. Os homens eram condenados às galeras, sempre necessitadas de braços para os remos; as mulheres e as crianças eram trancadas nos chamados asilos de mendicidade, na verdade estabelecimentos de trabalhos forçados; os meninos acima dos oito anos, e até acima dos seis, eram encaminhados para os campos de trabalho. E tudo isso sem qualquer processo, pela simples razão de serem ciganos. O quanto esse extermínio, levado adiante nos estados da Europa ocidental, tenha sido eficaz, pode-se deduzir comparando o contingente da população cigana: segundo os dados levantados por Jean Pierre Liégeois para o Conselho da Europa em 1993, na Europa ocidental os ciganos chegam a um milhão e meio, ao passo que na oriental atingem sete milhões. Não foi constatada nenhuma perseguição na América e na Austrália.

Com o 'século das luzes' as perseguições violentas cessaram para dar lugar às tentativas de assimilação forçada, forma mais sutil de genocídio: uma vez apagado o nome cigano e substituído com o de novos húngaros ou novos castelhanos, foram proibidos o uso da língua, a prática de atividades tradicionais, os casamentos entre eles. Operação análoga foi levada adiante neste século pela civilizadíssima Suíça.

O século dezenove, com o positivismo, traz uma nova ideologia: a da ordem. Katarina Taikon, uma romni que nos anos 60 lutou com grande inteligência e eficácia pelos direitos de seu povo na Suécia, definia a ordem como 'vaca sagrada do Ocidente'. Nascia assim o estado policial, que tudo deve controlar e enquadrar. Os ciganos foram classificados como 'ociosos e vagabundos', predispostos até geneticamente à delinquência, segundo Lombroso, precursor dos teóricos da raça que julgarão 'cientificamente' legítimo o genocídio nazista.

O holocausto dos ciganos costuma ser minimizado ou escondido. O próprio governo de Bonn reconheceu somente em 1965 os ciganos como perseguidos raciais, enquanto que anteriormente sustentava que em relação a eles haviam sido tomadas medidas somente de prevenção à delinquência. 500.000 vítimas, das quais metade eram crianças, apenas para prevenir a criminalidade? De fato, nas primeiras

deportações (para Dachau a partir de 1936) os ciganos foram classificados como 'a-sociais', mas mediante o decreto sobre os ciganos (*zigeunererlass*) de 18/12/38 a questão cigana era inserida na questão racial; seguiram-se, em maio de 1941, a ordem de liquidação dos ciganos 'indesejáveis em termos raciais e políticos' e o Decreto de Auschwitz de 16 de dezembro de 1942 que determinava a "solução final" não somente dos ciganos da Alemanha mas ainda dos territórios ocupados pelo grande Reich. As vítimas dos campos de concentração nazistas devem ser acrescentadas as inúmeras massacradas no próprio lugar, esmagadas sob os tanques de guerra e queimadas vivas em suas moradias por 'grupos de ação' nazistas e por análogos grupos fascistas, tais como os guardas de Hlinka na Tchecoslováquia, os fascistas ucranianos, romenos e, especialmente ferozes, os fascistas croatas, os ustasha. Os horrores perpetrados em seus campos de extermínio de Jasenovac são indescritíveis.

Na Itália, os dispositivos raciais não atingiam os ciganos, mas somente os hebreus e os mulatos, filhos de italianos colonizadores da África. No entanto, desde 1938 as famílias ciganas da 'Venezia Giulia' foram rastreadas e deportadas para a Sardenha. Com a eclosão da guerra foram criados dois campos de concentração para os ciganos: em Agnone (Isernia) e em Tossiccia (Téramo). Após o dia 8 de setembro de 1943 os policiais que montavam guarda os deixaram em liberdade. Outros ciganos, indivíduos ou grupos familiares foram reclusos em quarenta campos de concentração criados pelo governo fascista para os hebreus, os estrangeiros e os dissidentes políticos.

Um destino comum, portanto, de negação e de perseguição atingiu todos os grupos ciganos na Europa, quem mais e quem menos. E ainda agora o racismo renascente, a xenofobia, os expurgos, para não falar dos loucos programas de 'limpeza étnica' não deixam de incluir em seus objetivos também os ciganos. Atualmente as organizações ciganas pedem que sua história seja ensinada, conscientes, na ótica da nova política que estão empreendendo, que ela poderia constituir um elemento forte de

coesão, embora a consciência dos sofrimentos passados corra o risco de tornar mais acentuada a dicotomia tradicional rom/gaje.

## A língua

Como a história, também a língua cigana, a *romani cib*, se enraiza na Índia. Foram justamente os estudos linguísticos que, a partir de fins de 1700, permitiram identificar não somente a origem étnica mas ainda, através dos empréstimos linguísticos, as primeiras etapas das migrações das quais não foram encontrados documentos históricos: Irã, Afeganistão, Bizâncio. Alguns vocábulos persas, afegãos, muitíssimos gregos sobrepuseram-se à matriz indiana. Em seguida, a dispersão e a conseqüente diferenciação em dialetos, tão mais fácil tratando-se de uma língua que, desde tempos recentes, não conhecia a escrita.

Atualmente, uma jovem classe de intelectuais ciganos, sobretudo na Europa ocidental, não somente escreve poesias, histórias, vocabulários e gramáticas e publica revistas em língua cigana, mas empenha-se numa uniformização da língua para assegurar-lhe uma dignidade literária. Um primeiro importante congresso nesse sentido aconteceu em 1986 em Sarajevo, seguido por um outro em 1990 em Varsóvia com a participação sempre mais convicta dos rom. No momento, a Comissão das Comunidades Europeias dá sustentação a uma equipe especial de estudo.

A língua, por conseguinte, de fator distintivo entre os grupos até o limite da incompreensão entre alguns deles, encaminhou-se para a unificação. A meta está ainda distante em razão da oposição de alguns grupos que ou identificam o próprio dialeto como a 'língua verdadeira' ou opõem resistência à sua divulgação, persuadidos de que a cripticidade possa continuar sendo uma arma de defesa contra os gaje. Por outro lado, há grupos, como os gitanos da Espanha que a haviam perdido porque seriam condenados à morte se a falassem, que agora a estudam para uma reapropriação, convencidos de que a língua é o sinal distintivo mais importante de um povo, o espaço cultural mais autêntico

principalmente se o povo não possui um território.

## A tradição

Estrutura maior da sociedade cigana, seja qual for o grupo e em qualquer país, é a família, guardiã da tradição, garantia da observância do código moral, tutora de seus membros. Não se trata, é claro, da família nuclear, mas da família ampliada, a *bari familia* (grande família), que inclui quantos estejam ligados por vínculo de sangue. Em alguns grupos essa estrutura assume a codificação formal da *vitza*, dos "descendentes de ...: Jonesti, Doresti, (filhos de Jono, de Doro), etc. Ao longo de trinta e cinco anos de convivência com os ciganos só encontrei uma *vitza* com ascendente feminino, os Pluhacestos, entre os Lovaras. E isso porque a mulher é considerada de fato como uma estranha, pertencente a um outro sangue, e pode ser repudiada ou remetida para a sua família de origem: mas seus filhos permanecerão para sempre na família do marido. É sintomático que num acampamento, que acolha uma grande família, os homens mantenham entre si um relacionamento muito próximo, ao passo que as mulheres raramente chegam a alguma forma de familiaridade entre si.

O sangue, portanto, eleva-se em valor na concepção cigana: valor ambivalente, positivo e negativo ao mesmo tempo, porque portador de vida e de morte e, por conseguinte, impregnado por numerosos tabus. O hospital, o médico, o sacerdote estão ligados à morte e, portanto, os contatos com eles devem ser limitados ao mínimo; a título de exemplo, a mulher menstruada e a gestante são fonte de impureza e não podem sentar-se ao lado dos homens e nem lavar a própria roupa com a dos outros.

Por outro lado, o sangue é portador de vida por ocasião do nascimento, portador de novas alianças no casamento. A escolha da esposa, por conseguinte, assume importância particular com longas tratativas entre as famílias contraentes ou, se os jovens se unem contra vontade delas, em conflitos violentos e até sangrentos. Extremamente variado é o ritual das núpcias.

Uma tradição amplamente sentida é o culto aos mortos na consciência comum de que o *mulo*, o morto, possa reaparecer na forma de um animal ou de homem para pedir ajuda ou vingar-se se não for honrado de forma conveniente, para realizar uma tarefa inacabada, chegando a gerar um filho para garantir uma descendência. Se é comum o temor respeitoso, os ritos variam enormemente, desde o banquete ritual (*pomana*), próprio dos rom da Europa oriental, até a destruição pelo fogo daquilo que pertencia ao defunto entre os sintos. Os funerais são fastosos, com grande concorrência dos parentes mais distantes, de conhecidos e amigos, especialmente se morre alguém idoso, até o ponto de dar origem à lenda da morte do "rei" ou da "rainha" dos ciganos, que os "súditos devotos" exploram para tranquilizar-se e cumprir todos os deveres em relação ao próprio ente querido.

Tal como para o funeral, também para o batismo recorre-se ao sacerdote, para que purifique o recém-nascido, substituindo assim os antigos ritos de purificação, que no entanto subsistem ainda em algum grupo.

Pelo que diz respeito à religião, os ciganos se conformaram à dominante nos países nos quais se inseriram: cristãos ou muçulmanos. Mas não reconhecem grandes diferenças entre os diferentes credos, somente diferenças em nível de forma, dos ritos. O Deus no qual acreditam é criador, *Del* ou *Davel*, e um seu opositor, *Bengh*. É sempre o eterno dualismo entre o bem e o mal, o puro e o impuro, sorte ou desgraça, rom e gajo, que marca a visão cigana do mundo. Todo gesto da vida está marcado por invocações a Deus (*te del o Del...que Deus conceda...*). Deus é concebido como um pai misericordioso, ao qual é preciso entregar-se com confiança. A devoção a Nossa Senhora, muito difundida entre os católicos, a vê na condição de mãe (*Develeskeri daj*, Mãe de Deus). Transpõe-se para um plano sobrenatural as funções de pai e de mãe na tradicional família cigana. Há ainda os santos, dentre os quais a família escolhe o próprio protetor. Nos Balcãs é difundidíssimo o culto a São Jorge no dia 6 de maio, que na verdade é a grande festa da primavera. Até os muçulmanos não deixam de celebrá-la. Na Itália, o santo

mais venerado é Santo Antônio de Pádua, para o qual acorrem ciganos de todo lado no dia 13 de junho. É possível encontrar uma influência ainda maior no dia 24 de maio nas "Saintes Maries de la Mer" em Camargue ao redor de Sara a Kali (a preta).

Um outro elemento comum, embora com diferenças em suas novas explicações, é a administração da justiça para superar os conflitos internos ou para punir as transgressões ao código moral. Pode tratar-se de um "falar juntos" (*vakeriben*) dos homens mais influentes, tal como entre os Sintos, de uma delegação aos "mensageiros de paz" como os *pleznora* entre os Rom muçulmanos ou ao homem honrado, *patvalò rom*, entre os Rom abruceses, ou ainda de um verdadeiro tribunal, a *kris*, entre os Kalderasha ou os Lovara. Em certas épocas chegava-se até a condenar à morte; hoje aplicam-se multas e, nos casos mais graves, uma verdadeira "morte civil".

No setor da economia e do trabalho existem verdadeiras especializações de cada grupo, até o ponto de adotar o nome da própria atividade: assim, a título de exemplo, os Kalderasha caldeireiros, os Ferari ferreiros, os Lovara criadores de cavalos, os Ursari expositores de ursos adestrados, os Lautari músicos, etc. De todo modo, as atividades tradicionais caracterizavam-se por ser um trabalho livre, independente, no qual se podia dispor do próprio tempo de forma autônoma, de ser complementares à sociedade externa, sobretudo à economia rural. As comunidades ciganas nunca trabalharam nem produziram para si mesmas numa subdivisão de tarefas, mas sempre para os gajos, dos quais em troca obtinham aquilo que era necessário para a própria vida. Trabalhadores dos metais, criadores de equinos, vendedores ambulantes, fabricantes de cestos e de objetos de madeira, os ciganos sempre encontravam um mercado para os próprios produtos, e ainda os tocadores, os acróbatas, os adestradores de animais eram bem aceitos porque traziam o momento da festa. Agora esta relação se interrompeu e com excessiva frequência a única saída é a mendicância, ou até formas ilícitas de lucro.

Ligado à economia estava o nomadismo, no mais das vezes limitado a áreas regionais para o intercâmbio de produtos e de serviços. Mas o nomadismo

exercia também a função de reforçar a coesão social nas visitas aos parentes, no participar com toda a família a reuniões importantes, tais como casamentos e funerais. Agora o telefone e o carro facilitam as relações sociais, ao passo que as dificuldades de parada tornam quase impossível o nomadismo, que tende a desaparecer, com exceção para quem exerce uma atividade que exige mobilidade, como os Kalderasha, trabalhadores do cobre e os ourives, os Sintos do espetáculo ambulante.

## As perspectivas atuais

Enormes são as mudanças que estão acontecendo em nosso tempo, que têm necessariamente repercussões na cultura cigana, inclusive pela influência cada vez maior das culturas que acolhem e a *romanipé*, a ciganidade, deve encontrar novas bases de apoio e novos pontos de referência para reforçar o espírito de pertença.

A mudança talvez mais interessante é a definição de uma identidade nacional. Já falamos do empenho em unificar a língua. Um sinal incontestável é o nascer de novas associações ciganas, algumas vezes efêmeras e ligadas a interesses particulares, às vezes de maior fôlego, voltadas à superação das barreiras internas impostas pelos laços de sangue, em vista de uma presença ativa nos postos institucionais, nacionais e internacionais, em defesa dos próprios direitos, dos direitos de todos os ciganos. Já existem partidos políticos ciganos na Hungria, na Romênia, na Bulgária; efetivou-se a *Romani Union*, a União mundial dos Rom, fundada em Londres em 1971 e reconhecida pela ONU em 1979 como organismo não-governativo.

Campos de miséria, de um lado, e vontade de resgate, de outro, fragmentação extrema e, no entanto, tendência à unidade. Qual será o futuro dos ciganos?

\* *Mirella Karpati é Doutora em Pedagogia e Diretora da revista de estudos ciganos "Lacio Drom".*

- c lê-se como ch em espanhol.
- rom (fem. romni) significa homem cigano; o adjetivo é romanó (fem. í; pl. é).
- Gajo (pl. gaje) significa o homem não-cigano; espanhol payo.

# ENTRE O NOMADISMO E O SEDENTARISMO

## OS CIGANOS CIRCENSES

Heloisa Pires Lima\*

Rosana Fernandes\*\*

**T**endo como base o depoimento de um cigano circense, este artigo propõe-se levantar, para reflexão, algumas questões sobre o nomadismo no contexto urbano.

Para entender a relação ciganos/circenses em São Paulo, entre 1994 e 1996 foi acompanhado o cotidiano do patriarca de uma família que afirma ser de origem cigana e cujo círculo familiar mantém vínculos estreitos com atividades circenses. Fomos encontrá-lo pela primeira vez num espaço à beira da marginal Tietê, perto do prédio do jornal "O Estado de São Paulo", tão paulistano e corriqueiro como as cantoneiras que se formam às margens da cidade. Trata-se de José Antônio Sbano, viúvo, 73 anos e cinco filhos.

De fora não se avistava o terreno onde estavam instaladas várias famílias ligadas ao mundo dos espetáculos circenses e de parques de diversões: trailers espalhados, toldos circenses e até um bar sob uma estrutura arejada de lona garantiam a estranheza do lugar, calmo, com uma estética peculiar de muitas cores completada com alguns pôneis soltos num ralo pasto.

Procuramos por "seu" Sbano, e logo descobrimos que ele era também o "Zurca" ou o "Capitão". Encontramos sua barraca bem em frente ao telefone público comunitário. A cobertura era de lona mas, havia uma cerca de ferro com portão na entrada que dá acesso a uma ampla área, um pouco varanda, um pouco quintal. Longas cortinas de seda fina separavam a parte interna, que servia de morada, do espaço destinado a oficinas de metais onde se produzem os tachos de cobre. Escuta-se uma conversa alta, e aparece um senhor de chapéu na cabeça que garbosamente nos cumprimenta, desculpando-se pelo atraso.

A identidade cigana é orgulhosamente

reafirmada logo nesse início de conversa.

*"Eu sou da raça Kalderash, ciganos que sabem lidar com os metais. Sou do grupo Rom e também de outro grupo, o Tchucarest. Havia entre meus tataravós, um cigano de muito valor chamado Tchuco. Adotaram o nome dele para o grupo. Nasci em Guaratinguetá. Meu pai fazia SP-RJ vendendo utensílios de metal, latões de leite...quando o avô morreu e o restante da família foi para a Itália."*

Fomos descobrindo em Sbano um ator com um currículo de atuações em peças teatrais e até filmes da Vera Cruz da década de 50, revelando uma identidade cigana aberta para convívios com não-ciganos. Filho de pai e mãe ciganos, conta que certo dia o pai chamado para soldar as folhas de zinco de um circo, acabou trabalhando como artista iniciando-se a tradição de sua história circense. Mas, distingue-se dos "Boiashe" que são, segundo sua afirmação, os ciganos de um subgrupo Rom que têm como tradição a arte de espetáculos.

Em quase todas as entrevistas observou-se uma estreita relação na percepção do entrevistado, entre ser cigano e ser circense. Para ele:

*"O modo de vida é igual, a depreciação da pessoa sempre foi igual. Diziam que cigano roubava criança. No circo a mesma coisa. Diziam que dava azougue pra criança. Ignorância. Diziam que quebrávamos os ossos das crianças pra fazerem contorção."*

Sobre circos ciganos Sbano afirma ter sido proprietário de um, tendo administrado um outro circo teatro com um pavilhão volante de 410 folhas de zinco que media 25 por 16 metros onde montava peças populares por todo o interior. Cita o nome de vários circos ciganos, sendo os mais conhecidos:

*"O circo Tihany, o Circo Norte-Americano famoso por uma tragédia no Rio de Janeiro, onde pegou fogo matando muitas crianças. Orlando Orfei é cigano da raça Cinto."*

Naquele ano de 1994 havia na cidade de São Paulo dois grandes circos. O "Circo do México" que o entrevistado afirmava ser de ciganos e o "Moscou" que pertenceria a uma de suas filhas.

Norma, a filha mais velha nasceu em Mauá "dentro de uma barraca". Ela continua junto com o marido na administração do circo Moscou, recentemente vendido ao empresário Beto Carreiro. Marcelo nasceu em Suzano e trabalha no circo da irmã, além de ser professor em escola de circo. Silvia nasceu em Ribeirão Pires sendo que no período das entrevistas, era coordenadora da área de circo da Secretaria de Estado da Criança, cargo que deixou para seguir com o Moscou como artista, em apresentações pelo Brasil. Eduardo nasceu em Caxingui, e acompanha com toda a sua atual família os espetáculos do Beto Carreiro. Um quinto filho faleceu em cena num circo aos dezoito anos.

A história da família Sbano revela uma vida nômade atrelada ao circo como condição de existência material. É provável que a profissão se legitime através da etnicidade. A dubiedade do simbolismo envolvido e reunido em torno da identidade cigana e circense orienta e faculta uma especialização que está assegurada na tradição assim como ser circense torna-se uma adaptação ao nomadismo cigano.

*"Os ciganos sempre estão procurando novas praças. Praça esgotada, ele muda. Uns negociam tapetes persas. Os Mashinaia, a leitura da mão. Os Calons, nesses jardins, nessas grammas que ficam nas marginais antes negociavam cavalos, hoje automóveis usados. Os Kalderash, o cobre."*

## CIGANO SEMPRE QUIS A TERRA PARA PASSAR

A casa, o trabalho e origem são expressões dos aspectos vinculados à relação com a territorialidade e com o nomadismo. Da visão de nosso entrevistado emerge uma filosofia de vida, talvez na forma de uma elaboração ideal, mas construída com traços poéticos.

*“Viajando, o cigano ganha dinheiro. Mas, também porque a estrada exerce um fascínio. Cigano sempre quis a terra pra passar. Porque gosta de natureza. O conforto estraga a pessoa, acomoda. Não é bom para a saúde. Nem sempre a sofisticação enche o coração. Só as vistas. Não existe comida gostosa se você não tem fome. Não senti a falta então não pode sentir o gosto. É preciso que falte para que a posse tenha valor.”*

Foto: Rosana Fernandes



Sr. Zurca Sbano durante entrevista

As estratégias de sobrevivência na itinerância criam ou se aproximam de atividades afins. Há todo um conjunto de normas, valores e aceitações que parecem favorecer esta particularidade. Ser cigano legitima ser circense. Ser circense possibilita um modo cigano de ser. Também o exercício de atividades como a dança, o contorcionismo, o adestramento de animais selvagens da tradição circense, complementam-se com atrações que envolvem novos recursos tecnológicos. Outro ponto importante como estruturação da vida material apresenta-se no jogo das hierarquias sociais tipicamente capitalistas:

*“Cigano nunca é empregado, cigano é patrão. Quem trabalha por conta é patrão, empregado não... não se sujeita... Agora, no circo, como artista, ele pode, porque ele não é empregado. Empregado é o que*

*arma o circo, faz limpeza... No picadeiro não. Quem manda é ele. É o dono do seu número e não admite de outro mandar nele, não. Então, ele não é um empregado, né? Mas, geralmente ele é dono de circo.”*

O espaço de um circo-picadeiro caracteriza-se pela circularidade de artistas vindos de todos os lugares do país, do continente, do mundo. Geralmente se conhecem, partem e voltam a se encontrar de tempos em tempos sob a mesma lona. Trata-se de uma estrutura dinâmica que administra uma internacionalidade, e o valor estaria na qualidade das atrações. Estaria o artista sobreposto à condição de ser cigano? O fato é que nesse caso observamos um certo status diferenciado na valorização de algumas atrações pela referência de serem da Romênia que, no imaginário atual, evoca a origem dos ciganos.

O ser circense também constitui uma vantagem para algumas situações legais:

*“O cigano pode estar no circo, aí é diferente. Ninguém precisa saber que ele é cigano... eu estou aqui no terreno como dono de circo. Como cigano não poderia estar com barraca aqui.”*

O uso do terreno onde está instalada a barraca do “seu” Sbano, havia sido autorizado pela prefeitura para moradia de famílias ligadas ao circo e parque de diversões. Depois foi invadido, tornando-se uma grande favela com moradores não artistas, fomentada pela grande crise habitacional dos últimos anos. Esse local foi uma conquista que passou até pelo auxílio da Igreja, incluindo aí uma carta do Vaticano como resposta de outra enviada por Sbano.

Refere-se também a uma lei de proteção feita por Getúlio Vargas:

*“Por lei o cigano não tem proteção mas, no circo... tem uma lei que protege o artista de circo. Desde Getúlio, toda a escola é obrigada a aceitar filhos de circenses e de parques de diversões. Se não tiver vaga, ela tem que aumentar uma carteira escolar. Antes de Getúlio não tínhamos profissão. Artista não tinha carteira de trabalho. Foi ele que nos tirou da marginalidade.”*

Sobre a situação brasileira conclui que é bem melhor para os ciganos do que a européia. O racismo contra eles aqui também seria menor:

“Os gadjê não gostavam de nós. O cigano era tão discriminado que se ficasse doente, médico não tratava. Meu avô contava, ele fazia da França à Espanha pela estrada do La Plata, e eram apedrejadas as carroças...era a diversão dos camponeses. Não eram carroças bonitas como pintam, é gente pobre; cigano era pobre, né, não podia nem trabalhar. Hoje não. No Brasil, não. O país ainda é um paraíso pra nós. Mas também, ele sabe encantar. Quando vieram da Europa para a América do Sul, nos navios o comandante quando descobriu que eram ciganos mandou jogar tudo no mar. Mas, a viagem demorava muito e eles eram alegres, cantavam, dançavam, divertiam e assim, chegaram!”

Quase todo o discurso recoloca a alegria como compensação para as dificuldades históricas como população marginalizada inserida em uma sociedade maior. Este é o amálgama explicador do vínculo em destaque. É aí que a associação com nômades circenses é sobreposta pois construir o cotidiano com alegria é uma necessidade e uma arte:

“Por onde passam, deixam a alegria.”

Ser cigano e artista-circense significa reproduzir diariamente o ato de encantar, seduzir, envolver. Ser mais hábil num sistema de sinais e códigos que se expõem e se escondem numa mesma fronteira.

## A SEDENTARIZAÇÃO

O circo parece dar a amplitude necessária a um dos modos de vida cigana ou vice versa. Na família Sbano há um grande número de netos e bisnetos trabalhando em atividades circenses. Os circos tradicionais apresentavam espetáculos compostos por famílias inteiras, dos avós aos netos, em apresentações conjuntas. Porém é relevante anotarmos algumas alterações desse quadro.

Escolas de circo têm se difundido na cidade como iniciativas públicas e privadas. A atividade atrai os artistas circenses como instrutores. A própria pedagogia, a estrutura para a aprendizagem modifica-se como a própria relação de trabalho onde estes são empregados e remunerados mensalmente. Este é um elemento fundamental para uma sedentarização da atividade.

Na opinião de Sbano houve uma relativa sedentarização dos ciganos. Segundo ele:

“O cigano se sedentarizou. Não que ele quisesse. É a própria sociedade que eu vejo como um cinto de ferro fechando, fechando o cigano com suas tradições, fechando tudo...Só que eles têm as leis deles sempre, né? Ele respeita a lei social mas...O cigano se relaciona com o gadjê. Agora quando ele é cigano, tá na barraca, aí ninguém entra na relação. É entre ciganos.”

A etnicidade permite e refaz as andanças.

“Só que antigamente o cigano não tinha rastro. Hoje, sabe esses ciganos de Campinas? Eles têm mansões e têm barracas. A casa tem oito ou dez banheiros. Todo mês sobem na caminhonete, vão negociando, atravessam fronteiras, ganham dinheiro, trazem a caminhonete cheia de tudo.”

Mas, como ele mesmo diz, o cigano é um mar, um mistério que não tem ciência que entenda. Resta-nos ainda contar que ele é atualmente o presidente do CTC-Centro de Tradições Ciganas, que bem poderia ser centro de tradições circenses. Ele está ligado à União Romani Internacional, uma entidade política com representação e força política na Europa, principalmente.

Há um projeto a se desenvolver com circos-escolas, circos-teatros, circos-pica-deiros, com ensino de danças ciganas, culinária cigana, festas ciganas abertas a todos:

“O projeto é fazer um lugar de lazer. O típico é um modo de amenizar o choque entre ciganos e gadjês. Conheço as duas culturas. Para os ciganos os gadjês não têm valor e para os gadjês os ciganos é que não têm. A idéia é tirar esse choque. Tem cigano e gadjê de tudo quanto é jeito. E eu quero incentivar o que é bom pra todo mundo.”

A terra, a casa, o nome, a atividade circense carregam uma ambiguidade ao mesmo tempo de um dinamismo e tradição nômade e sedentária. O ideal e o real mesclam-se nos versos que nos declama no final:

### À ROMÁ<sup>2</sup>

*Um dia...lá do Oriente  
de onde tudo começa  
partiu meu povo contente  
caminhando sem ter pressa*

*Quando partiu...ninguém sabe,  
Por que partiu?... ninguém diz  
Partiu... quando deu vontade  
Por que partiu? Porque quis*

*Então aqui aparecemos  
sem nunca saber quem somos  
nosso passado esquecemos  
só interessa o que somos*

*Quem diz que Pátria não temos  
engana-se de uma vez  
A nossa Pátria sabemos  
É maior que a de vocês*

*Sua Pátria é um país somente  
A nossa é toda essa terra  
Que Deus nos deu de presente  
Por nunca fazermos guerra*

*Somos um povo que canta  
Feliz por saber viver  
O pôr do sol nos encanta  
Amamos o amanhecer*

*O ontem sempre é passado  
Amanhã sempre o futuro  
Vivemos despreocupados  
o hoje: que é mais seguro*

*E assim sempre de partida  
Ora no campo, ora na cidade  
Amamos a nossa vida  
Somos reis da Liberdade!*

*(Zurca Sbano)*

\* Heloisa Pires Lima é Mestranda em Antropologia social/USP.

\*\* Rosana Fernandes é Cientista Social.

## NOTAS

- 1- Como esses ciganos referem-se aos não ciganos.
- 2- Segundo o autor dos versos, o termo deriva do tronco Rom e significa etnia cigana; nossa raça.

## BIBLIOGRAFIA

- BALIBAR, F.  
(1992) *Race, Nation, Class, Ambiguous Identities*. London, Ed. Verso.
- FONSECA, Isabel  
(1996) *Enterrem-me de pé: os ciganos e a sua jornada*. São Paulo, Cia das Letras.
- MAGNANI, J.G.C.  
(1992) "Da Periferia ao Centro: Pedacos e Trajetos". In: *Revista Antropológica*, São Paulo, vol.35, FFLCH/USP.
- MORAES FILHO, M.  
(1981) *Os ciganos no Brasil e cancionero dos ciganos*. São Paulo, Itatiaia/ Edusp.
- SANT'ANA, M. L.  
(1983) *Os Ciganos: aspectos da organização social de um grupo cigano em Campinas*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, FFLCH/USP.

# A GLOBALIZAÇÃO E O ESPAÇO DO CIDADÃO

## Espaço Global - Mundo Fragmentado

Virgínia R. S. Bueno\*

**T**enho por 12 anos desenvolvido pesquisas empíricas junto aos vários grupos ciganos presentes, principalmente na região da Grande São Paulo e entre estes notadamente o subgrupo "calon" (dialeto cale), cujos membros são tradicionalmente nômades e que viviam em pequenos e médios acampamentos espalhados pela região. Paralelamente à pesquisa, desenvolvi alguns projetos que visaram a uma melhor integração entre estes e a sociedade majoritária. A criação da Primeira Escola Itinerante destinada à alfabetização bilíngue entre os calons foi um destes projetos, e graças ao apoio internacional conseguimos ao longo de quatro anos, alfabetizar 427 crianças e adultos, bem como facilitar a obtenção de documentos legais a 672 calons. Tais demonstrações evidenciam a imensa marginalidade a que este grupo étnico está submetido dentro do contexto nacional, situação não muito diferente de outras partes do mundo, principalmente na Europa e América do Norte, onde também ocorrem estas manifestações de marginalidade sócio-política entre os subgrupos Kalderash, Manuche e Sinti.

### GLOBALIZAÇÃO

A globalização da economia, fenômeno recente na história do capitalismo, traz em seu bojo a questão da fragmentação do Homem, uma vez que há vários grupos étnico-culturais minoritários que se articulam ou não, e que estão presentes na maioria dos Estados Modernos, formando o imenso mosaico humano que, em contínuo movimento, tenta adaptar-se ao caminho da História, que muitas vezes somente os têm como legitimadores de um processo do qual não tiveram participação efetiva e do qual não foram nem sequer

lembrados.

A oração final de Vladimir Dremluga, um eletrecista de ferrovia oriundo de Leningrado, que foi detido com mais seis pessoas, por ousar manifestar-se na antiga plataforma das execuções na Praça Vermelha de Moscou em protesto contra a invasão da Tchecoslováquia, em agosto de 1968 (Bermann, 1987, p.267), pode aqui representar a questão da cidadania e a luta, muitas vezes individual, para preservá-la:

*"Por toda a minha vida consciente, eu quis ser um cidadão, isto é, uma pessoa que calma e orgulhosamente expressa o que pensa. Durante dez minutos, fui um cidadão, no curso do ato de protesto. Minha voz, tenho certeza, soará como uma nota em falso no silêncio universal que leva o nome de apoio unânime à política do Partido e do governo".*

É longa e intrincada a discussão sobre as identidades grupais e sua inserção no espaço, mas estas na verdade surgem como ponto de interseção entre as várias determinações heterogêneas, algumas inclusive impostas ao indivíduo, outras selecionadas por ele, segundo alguns critérios admitidos pela sociedade ou grupo em que esteja inserido. A identidade torna-se indispensável ao nosso sistema de representação simbólica e torna-se vital para a sobrevivência dos vários grupos minoritários contemporâneos, forjada a partir de elementos culturais e históricos específicos, invocados no plano do discurso do "nós" diante do "outro".

A identidade grupal sempre surge em situações de confronto, levando em muitos casos, a uma ação política momentânea, na qual a identidade tem um papel fundamental na criação de reivindicações de um espaço sócio-político-econômico maior, fazendo com que sujeitos políticos, com identidade própria, se articulem, procurando

com isto, criar áreas com maior visibilidade social e consequentemente deter, mesmo que de forma fragmentada e difusa, um poder ampliado.

O processo de criação das identidades grupais passa necessariamente pela representação de si, ou seja, utilizando-se imagens simbólicas que uma sociedade faz de si própria, através das interações psicológicas, linguísticas e semióticas. Passa também pelas representações que esta mesma sociedade faz da outra, dentro de um prisma etnocentrista, mas sem esquecer que "as identidades social e pessoal são parte, antes de mais nada, dos interesses e definições de outras pessoas em relação ao indivíduo cuja identidade está em questão" (Goffman, 1975, p.116). Estas relações interpessoais e grupais são extremamente dinâmicas, multifacetadas e sempre se transformam dependendo de quem seja esta outra sociedade ou pessoa. Neste perpétuo processo, se estabelece também as bases de uma identidade específica, surgida sempre por oposição diante do confronto do "nós" e se relacionando com o "outro".

### ESTIGMA

A sociedade não cigana detém em seu imaginário coletivo estereótipos e atributos que estigmatizam grupos. Neste sentido, Goffman (1975, p.13) define o termo estigma como sempre "usado em referência a um atributo profundamente depreciativo" mas na verdade "é uma linguagem de relações e não somente de atributos". Assim, o ato de estigmatizar alguém pode confirmar a normalidade de outrem. A estigmatização é transmitida através da linhagem de um grupo frente a outro, e "contamina" por igual todos os membros dos grupos diferenciados pela sociedade

majoritária.

Os estigmas tribais, de raça, nação e religião e até mesmo de preferências sexuais, fazem com que um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social quotidiana, seja afastado, destruindo assim a possibilidade de atenção a outros atributos seus, uma vez que possui um estigma que o torna diferente, longe da expectativa do "normal" e do "padrão" aceito socialmente, deste modo surgem os estereótipos que definem, difundem e perpetuam a imagem de um grupo frente a outro, e a aceitação destes estereótipos por outros grupos, demonstra qual grupo tem maior poder ideológico e político dentro de um determinado território.

A sociedade não cigana possui em seu imaginário coletivo estereótipos que sempre nos remetem a definir o grupo minoritário cigano entre a idéia de um povo místico e/ou ladrão, surgindo assim conceitos depreciativos que definem a difícil relação entre as sociedades majoritárias e a minoria étnica cigana, levando historicamente a perseguições que vitimaram milhares de ciganos. Somente no período entre as duas grandes guerras mundiais, foram mortos mais de 800 mil ciganos na Europa, e alguns milhares durante a Inquisição, principalmente na Espanha e em Portugal.

A ampla sociedade concebe e re-cria os ciganos como um povo singular, místico e fora dos padrões morais e éticos. As roupas típicas, a forma peculiar de viver e encarar a realidade, o nomadismo - que fortalece o mistério do ir e vir cigano -, além de histórias sobre raptos de crianças e pequenos furtos, sempre povoaram a imaginação dos não ciganos, levando com isto a uma violenta estigmatização da figura cigana, que aos olhos da sociedade maior situa-se no limite ou fora da "normalidade" que seria melhor aceita socialmente.

## PEQUENA HISTORIOGRAFIA CIGANA

Desde sua diáspora, iniciada no noroeste da Índia, no século I da nossa Era, os ciganos são descritos como um povo exótico, singular e nômade. Chegam na Europa no século XIV onde, em 1384 já há relatos de vários grupos ciganos na Sérvia - principal região iugoslava, de onde vieram grande parte dos Roms (subgrupo

machuaia) para o Brasil -, considerados marginais filosófica, econômica e politicamente pela sociedade iugoslava e posteriormente pela ampla sociedade européia, mantidos como escravos em grande parte do Leste Europeu até meados do século IX, pois representavam os que de certa forma punham em risco as normas disciplinares, morais, étnicas, religiosas e territoriais de uma Europa conservadora, inquisidora e extremamente preconceituosa quanto à aceitação de grupos etnicamente menores.

A inquisição espanhola queima mais de 2000 mulheres ciganas, sob a acusação de representarem e incorporarem forças demoníacas, principalmente por terem o hábito de praticar o Drabaripê (arte adivinhatória cigana, incluindo a quiromancia e a cartomancia), e, portanto, perigosas no contato com as mulheres cristãs européias.

As perseguições aos ciganos na Holanda, por exemplo, incluem açoitamentos públicos e inúmeros processos judiciais contra os "mendigos" ciganos que perambulavam pelas cidades holandesas. Cada província tinha sua própria legislação, porém os banimentos "perpétuos" eram, conforme Frans Moonen sempre para a cidade ou província vizinha (às vezes até com direito à escolta até a fronteira) para que houvesse certeza do afastamento da "praga" cigana. Para fugir das eternas perseguições, os ciganos fixavam-se preferencialmente em regiões de fronteira, facilitando assim a fuga para outros municípios, províncias e até outros países.

Nos países latinos, as medidas legislativas anticiganas visavam principalmente a expulsão dos ciganos de seus territórios, a integração em situação de desvantagem e em muitos casos, o extermínio puro e simples.

Entre 1499 e 1534 ordena-se várias vezes que os ciganos obtenham uma profissão ou um patrão, sendo-lhes proibido viajarem juntos e de falarem em público sua língua. A punição variava entre 100 açoites e banimento do território. Os reincidentes eram marcados com um corte nas orelhas, ficando 60 dias encarcerados e depois banidos; no caso de nova reincidência tornavam-se escravos de quem os capturasse. Oliveira China (China, 1948) relata-nos algumas leis sobre estas perseguições, principalmente em território português. Em 1539 esta ordem é repetida, sendo estipulado o prazo de três meses

para que os ciganos procurassem profissão e patrão, sendo proibidos os deslocamentos de mais de três pessoas e as punições acrescentavam seis anos de trabalhos forçados como remadores nas galeras.

Em 1560 são proibidos os deslocamentos de mais de duas pessoas, proibição das roupas típicas ciganas e de exercerem as artes adivinhatórias, com punição de 18 anos aos infratores e em casos de reincidência foi estipulada a pena de morte. Em 1695 é realizado talvez o primeiro censo cigano no mundo, chegando-se à conclusão que num prazo de 30 dias todos os ciganos deveriam declarar sua profissão, seu modo de vida, a quantidade de armas, cavalos, etc. A seguir os mesmos tinham 30 dias para sair do reino ou fixar residência num local com mais de 200 habitantes, devendo dedicar-se a trabalhos agrícolas além de serem proibidos de possuírem cavalos, ou de frequentar feiras e mercados, ficando mais uma vez proibitivo o uso da língua e das vestimentas tradicionais, com sérias punições.

Em 1754 as ordens são mais severas: dentro de 15 dias os ciganos devem fixar residência nos lugares indicados; é permitido disparar contra os ciganos e matá-los e as igrejas não podem mais dar exílio aos nômades. No ano seguinte são acrescentadas outras 35 cidades às 41 que já haviam sido indicadas para a residência dos ciganos, fazendo com que as famílias ciganas fossem distribuídas na proporção de uma para cada cem habitantes e somente uma família cigana para cada rua. Mais uma vez são proibidos de praticar seus costumes tradicionais.

Talvez venha deste limite espacial imposto aos ciganos o hábito, entre os Roms sedentários, de subdividirem o espaço urbano subjetivamente, delimitando áreas específicas para cada família, garantindo sua sobrevivência através dos jogos adivinhatórios. Este espaço "familiar" constitui na verdade a territorialidade subjetiva dos ciganos sedentários em várias partes do mundo, evidenciando assim a importância desta territorialidade para a sobrevivência econômica e cultural das famílias extensas.

Em junho de 1749, com apoio militar, cerca de doze mil ciganos foram presos e uma grande parte assassinada. Em Portugal algumas leis têm o mesmo teor que as leis espanholas e outras são até mais violentas; em 1647 ocorre a deportação em



Foto: Arquivo pessoal de Virginia Bueno

Mulheres Kalderash em São Paulo / 1936

massa de ciganos, inicialmente para a África e, posteriormente para o Brasil, uma vez que leis de 1592 obrigam, sob pena de morte, os ciganos a sedentarizar-se em quatro meses ou então abandonar o país.

## CIGANOS NO BRASIL

A primeira família de ciganos - "calons" - a chegar no Brasil foi a de João Torres em 1574, mas somente a partir de Mello Moraes Filho (Mello, 1886), que cita dois documentos de 1718, conforme os quais ciganos haviam sido degredados para Pernambuco e Bahia, é que temos informações sobre a presença cigana no país. Nestes documentos encontra-se ordenado ao governador que "ponha cobro e cuidados na proibição de uso de sua língua e gíria, não permitindo que se ensinasse a seus filhos, a fim de obter-se a sua extinção...", evidenciando assim a continuação das perseguições que os ciganos já sofriam na Metrópole.

Um outro autor (China, 1936) faz-nos

um amplo relato sobre a presença cigana em várias partes de País, baseando-se em notícias de jornais e em informações de alguns intelectuais, as quais invariavelmente relatam os ciganos como criminosos, ladrões, velhacos, etc., e as ciganas como "bruxas", trambiqueiras, que enganavam o povo praticando a quiromancia, roubando e etc., também eram conhecidos como ladrões de cavalos e de galinhas em toda a região Nordeste e Sudeste, sendo expulsos e sofrendo prisões ilegais.

Foi a partir da I Guerra Mundial que um grande número de ciganos, vindos principalmente do Leste Europeu, chegaram ao Brasil, divididos em grandes famílias extensas ou "cumpnias", dedicando-se a atividades de comércio de muares, de cavalos, ao artesanato de cobre, às artes circenses e praticando o nomadismo. Vários são os relatos de famílias ciganas, hoje sedentárias, que viviam em barracas e que relembram os tempos de nomadismo de forma saudosa. Foram, na verdade, as grandes dificuldades em continuar nômade que os impeliram para o processo de

sedentarização e, evidentemente, uma certa ascensão econômica que lhes garantisse uma vida mais confortável, ficando de certa maneira longe das hostilizações da sociedade ampla, e portanto, mais aceitos socialmente.

Talvez aqui caiba um exemplo para melhor explicitar a importância do nomadismo e a perpetuação de costumes tradicionais. Recentemente em Goiânia, os ciganos Kalderash (subgrupo Rom), motivados pelas constantes expulsões, adquiriram várias residências agrupadas entre si, e em seus quintais vivem de forma tradicional, acampados em grandes barracas, porém, agora, podem gozar dos direitos constitucionais à posse e ao domínio do solo, e ao mesmo tempo, continuarão fiéis aos seus costumes culturais, uma vez que somente através da aquisição de um imóvel as famílias ciganas podem estar livres das constantes expulsões, prisões e trans-tornos a que eram submetidas.

Temos no Brasil dois grandes grupos ciganos:

**CALON** (Dialeto caló) - Ciganos ibéricos, vindos principalmente de Portugal, tradicionalmente nômades, com atividades ligadas ao comércio de cavalos, carros, vendedores de **Sunakai** (correntes e artefatos imitando ouro) cujas mulheres, com vestimentas curtas praticam a quiromancia em praças públicas. Tradicionalmente exibem "dentes de ouro" e sinais em forma de "pintas" no rosto.

**ROM** (Língua Romane) - Ciganos extra-ibéricos, vindos principalmente do Leste Europeu, estando no Brasil os seguintes subgrupos Rom:

- **Kalderash** - Ciganos ditos "puros"; dedicam-se geralmente ao comércio de carros, e as mulheres, de saias longas, à quiromancia e/ou cartomancia. Muitas famílias continuam ainda nômades, vendendo cobertores e outros produtos diretamente nas casas de seus compradores. Por falta de espaços para acampar, de preferência visitam áreas rurais, principalmente no sul do país.

- **Macwaias ou Matchuais** - Vindos basicamente da região da Sérvia (Iugoslávia), as mulheres não se identificam com as vestimentas ciganas e a maioria dedica-se às artes adivinhatórias; quase todos vivem como sedentários nos grandes centros urbanos.

- **Horahane** - De origem turca ou árabe, mantêm atividades similares aos Matchuais, vivem principalmente no Rio de Janeiro. Poucas famílias ainda praticam o nomadismo.

- **Lovaria** - Com atividades ligadas ao comércio e criação de cavalos não têm grande influência entre seus pares, uma vez que são em número bem reduzido e basicamente sedentários.

- **Rudari** - Ciganos dedicados ao artesanato de ouro e madeira, muito poucos no Brasil. Vivem principalmente no Rio de Janeiro, exercendo atividades liberais, sendo sedentários.

## SITUAÇÃO DE PREJUÍZO

Teresa San Roman (Roman, 1966) fala-nos sobre as ameaças de concorrência pública e econômica. O medo das elites fundiárias de que os ciganos pudessem se fixar em terras alheias, ocupando definitivamente um território, além destes exercerem funções que concorriam com profissionais não ciganos, formaram o pano de fundo para as inúmeras perseguições, acres-

cido pelo preconceito da cor escura de suas peles e pelo fato das mulheres deterem poderes "mágicos", fazendo com que se tornasse latente a xenofobia que durante quatro séculos dominou as leis europeias, além de exercerem forte pressão ao sedentarismo cigano, como forma indiscutível de dominação, tentando de todos os modos inibir ou desarticular os principais traços culturais da minoria.

A não adequação profissional e educacional dos ciganos frente à formação do mundo capitalista do século XIX, aliada à constante busca de autonomia destes frente a sociedade ampla, levaram a reforçar as relações de marginalização e de conflito em que um grupo submeteu o outro.

A não aceitação plena de novos modos de agir e pensar introduzidos pelo contato direto com outras sociedades, fez com que houvesse uma dinamização contínua da cultura cigana, que para sua sobrevivência, "filtra", recodifica e dá, em muitos casos, um outro sentido a valores, posturas e consciências difundidas pela sociedade maior, ao mesmo tempo que através da hereditariedade conserva os laços familiares quase que intactos, evitando com isto uma maior miscigenação e a consequente perda dos traços físicos que os identifica.

A Romane Chave (povo cigano na língua Romane, de origem sânscrita) desde sua diáspora iniciada no século X da nossa era, do noroeste da Índia rumo ao Ocidente, sempre esteve em contato físico e cultural com os mais diversos povos, sem com isto sofrer uma acentuada desintegração nem a destruição de modos tradicionais de vida, mas sim a construção de um estilo de vida, que para preservá-lo foi necessário criar novas alternativas e estratégias que lhes garantissem a sobrevivência e a contínua construção de sua própria etnicidade.

O processo de globalização que caracteriza o atual momento histórico, fruto da existência do capitalismo avançado e monopolista, consolida em nível de idéias uma pseudo padronização, difundida pelos meios de comunicação, que irá influenciar definitivamente padrões étnicos, morais, de preferências estéticas e comportamentais, de todas as sociedades, podendo abalar os alicerces de modos de vida tradicionais, que até o momento, conviveram, mesmo que de forma contraditória, com os limites impostos pela ideologia capitalista.

Os ciganos nômades não fogem a esta regra, mesmo tendo uma territorialização móvel, uma forma pré-capitalista de usar e de se apropriar de um determinado espaço, de construir territórios subjetivos e de serem, por causa desta peculiar e cultural subjetividade, considerados **cidadãos do mundo**, uma vez que não se prendem a fronteiras nacionais, sofrendo igualmente com outros grupos minoritários a falta de visibilidade política, força de expressão e o desrespeito às suas formas tradicionais de vida.

Os ciganos, presentes enquanto grupo minoritário na maioria dos Estados Modernos, vêem-se diante da globalização com impasses similares, motivados principalmente pela intolerância das sociedades em não permitir ou dificultar-lhes o seu mais profundo traço cultural: o **nomadismo**.

Desde a II Guerra Mundial criam-se, na sociedade europeia, instituições regionais e internacionais que têm por finalidade abarcar, através da educação e do controle espacial, os ciganos presentes em seus territórios, dando-lhes com isto uma pseudo-cidadania que apenas se traduz pela equiparação destes ao "estado de direito", sem contudo, realmente conferir a este grupo minoritário um reconhecimento sócio-cultural que o coloque em efetiva situação de igualdade frente a outros grupos diferenciados nestas sociedades.

Marginalizados econômica e socialmente, expulsos dos grandes centros europeus, confinados em "áreas de paradas ciganas" (sendo que alguns não contam com infra-estrutura mínima, podendo ser desarticulados pelos poderes públicos locais), obrigados a portarem documentos especiais para que não sejam barrados nas fronteiras nacionais da comunidade europeia, além de não serem plenamente aceitos no mercado de trabalho, os ciganos não podem, assim, dividir de forma igualitária com outros grupos, a ascensão social e econômica presentes nas sociedades onde estão inseridos.

Em sua obra "Entre la Marginalización y el Racismo", Teresa San Roman (Roman, 1986, p. 56) analisa os ciganos sedentários presentes em Madri e Barcelona, e chega à conclusão que os ciganos estão em uma situação de marginalização social e cultural que se traduz pelas inúmeras prisões apoiadas pela Lei de "Peligrosidad Soci-

al", pois o não reconhecimento de seus domicílios e de suas atividades, bem como a falta de documentação pessoal, constituem motivos suficientemente capazes de levar um cigano às prisões espanholas com pena variando de um a nove anos de reclusão.

Dentre os ciganos detidos, 93% deles viviam em pequenos casebres nos bairros mais isolados, e 80% ocupavam tarefas "tradicionais" como charreiros e mendigos. Portanto, esta Lei aparece como a tipificação penal de uma situação social cuja resolução não depende totalmente da intenção e da ação de uma pessoa ou grupo, refletindo apenas, e mais uma vez, a situação de prejuízo em que se encontra o povo cigano na Espanha e no resto da Europa, principalmente agora pela fuga em massa de países do Leste, principalmente da Iugoslávia, Romênia e Hungria, motivada por guerras e perseguições políticas locais, fazendo com que milhares de ciganos tenham que se deslocar continuamente em território europeu para não serem presos e deportados aos seus países de origem.

## OS CIGANOS NA AMÉRICA

No continente americano, os vários grupos ciganos estão igualmente submetidos a uma marginalização crescente, seja por fatores econômicos que os levam a se inserirem na imensa massa de despossuídos e a praticar atividades ligadas a esta profunda marginalização social, seja aceitando que os meios de comunicação exponham, de forma grotesca e estigmatizada, algumas de suas particularidades culturais.

As charges americanas sempre evidenciam a figura de uma feia e velha mulher cigana tapeando os seus clientes, apoiada pelas "imagens" que vê em sua bola de cristal, difundindo assim estereótipos que não condizem com a realidade cigana nos Estados Unidos, muito próxima do cotidiano dos hispânicos e dos refugiados ilegais. A maioria da população cigana americana é constituída por Roms, que também subdividem os espaços tentando garantir sua sobrevivência econômica, uma vez que a maioria das famílias situa-se socialmente entre as camadas mais inferiores da população norte-americana, evidenciando mais uma vez a situação de prejuízo em que os ciganos se encontram em várias partes do mundo.

No Brasil, a verdadeira e dramática imagem dos ciganos, principalmente dos nômades calons, não interessa ser demonstrada pela Mídia "Global", (no caso a novela "Explode Coração", ida ao ar em 1995), mas sim imagens que condizem com uma falsa ascensão econômica de algumas famílias, raras no mundo, que detêm maior poder aquisitivo.

A miséria, fortemente enraizada no dia-a-dia cigano, as péssimas condições de vida nos acampamentos - cada vez mais proibitivos aos nômades - a luta para a perpetuação do nomadismo, a falta de documentos legais que lhes possa garantir o mínimo exercício da cidadania e a ausência de uma educação particularizada, não são mostrados pela grande imprensa, escondendo assim embaixo dos tapetes persas, por onde transitam os ciganos globais da novela em questão, as marcas sociais da discriminação, do preconceito e da intolerância que ideologicamente estão presentes na relação das sociedades e das minorias étnicas.

Os limites da experiência humana levam-nos a ser, de uma certa forma, etnocentristas, uma vez que não estamos habituados a considerar seriamente sistemas de valores diferentes dos nossos, evidenciando assim que estas crenças etnocentristas podem se transformar - dependendo de quem as manipule - em uma forte ideologia racista principalmente quando os vários estereótipos que um grupo confere a outro, são utilizados para justificar e perpetuar relações de exploração e/ou opressão.

Estas relações tomam forma no controle e uso do espaço, uma vez que são desconsideradas pelos planejadores brasileiros, como uma das formas possíveis de apropriação do solo, ou seja, o uso temporário e móvel, baseado em traços culturais e não apenas como um dos possíveis elementos das atividades econômicas. É somente através da Constituição Federal que encontramos o respaldo para a liberdade de locomoção do cidadão, porém, esta liberdade não leva em conta o nomadismo tipicamente cigano e suas formas peculiares de se relacionar com o espaço. A situação transitória dos acampamentos não consta das Leis Orgânicas Municipais e muito menos no futuro Código de Postura e Uso Municipal de São Paulo, evidenciando assim um grande desinteresse dos que planejam as cidades, motivado muitas ve-

zes, também pela ignorância da problemática espacial cigana em suas áreas de ação.

Portanto, o **cidadão do mundo** não pode compartilhar de forma igualitária do mundo do cidadão global, uma vez que a não adequação da ética, das normas, do tempo e da essência da globalização, torna a vida tradicional cigana pelo menos inapta, e contraditoriamente, compatível, principalmente na questão espaço-territorial, com este fenômeno contemporâneo, uma vez que os ciganos sempre ignoraram as fronteiras político-administrativas dos Estados, e agora se vêem cada vez mais impossibilitados de exercerem sua típica territorialidade subjetiva e ao mesmo tempo global.

Poucos são os Estados nacionais que admitem a livre circulação cigana e ao contrário, muitos são os que restringem este caminhar, confinando os ciganos em áreas não por estes escolhidas, mas sim autorizando os acampamentos em regiões mais afastadas, geralmente em periferias dos centros urbanos, onde estes estão permanentemente sendo cobrados, através de leis e atitudes mais sutis, à sua própria assimilação e, conseqüentemente, à sua própria destruição cultural.

Em São Paulo, nestes últimos dois anos, houve uma drástica redução destas áreas, motivada muitas vezes pela pressão das populações nas ciganas e reafirmada pelos poderes públicos locais, dando-lhes com isto uma certa mobilidade espacial, devido ao imenso tamanho da cidade, mas dividindo-os em pequenas famílias, perdendo-se com isto a coesão grupal, dificultando os relacionamentos pessoais internos e as atividades conjuntas.

A própria Escola Itinerante teve que ser paralizada muitas vezes pelas constantes expulsões feitas por policiais destas áreas, e pelo difícil acesso e ocupação de outras áreas que pudessem servir de base para sua atuação, uma vez que as grandes áreas vagas na região da Grande São Paulo e em outros centros urbanos brasileiros são praticamente inacessíveis para os ciganos, uma vez que sua ocupação por parte destes pode caracterizar para o leigo como uma possível "invasão" definitiva - típica das camadas sociais mais inferiores - e a expulsão torna-se assim necessária, muitas vezes amparada por uma legalidade que de forma alguma pode ser aplicada ao nomadismo cigano.

Em muitas cidades brasileiras a per-

manência de acampamentos tem se tornando proibitiva, levando muitas famílias a sedentarizar-se de forma compulsória, inibido suas atividades tradicionais, levando a uma perda da autonomia socioeconômica e cultural cigana, que sempre foram fatores decisivos na construção da identidade do grupo e, mais grave, sem poderem contar com qualquer representação política que lhes possa garantir um espaço de luta e reivindicação.

É somente nos períodos das eleições locais que os ciganos são "vistos" como cidadãos, quando se tornam um atraente reduto de votos aos políticos locais, que ignoram os problemas dos acampamentos, principalmente tocante à falta de água potável e condições mínimas de saneamento, etc. Porém, nada é feito para minimizar as dificuldades de sobrevivência dos calons nômades.

Caso extremado, mas longe de ser exceção, acontece no município de Sousa, no interior da Paraíba, que abriga quase mil ciganos calons que, ao se sentirem impossibilitados de continuar sendo nômades, se fixaram a partir de 1982, em uma determi-

nada área periférica e, como consequência desta sedentarização compulsória, houve uma drástica redução no número de nascimentos e um grande aumento no índice de mortalidade infantil, consequência direta da miséria a que estão submetidos estes e muitos outros grupos calons que, devido as perseguições resolveram "parar".

No dizer de muitos destes calons recém-sedentários "parar é morrer um pouco todos os dias", perdendo-se assim sua autonomia econômica, cultural e espacial.

Nos grupos recém-sedentarizados, nas regiões da Grande São Paulo e Belo Horizonte, houve também uma grande diminuição dos casamentos, motivada pela distância entre o grupo sedentário e os outros que permanecem, ou tentam permanecer, nômades.

Além disso os ciganos agora sedentarizados não têm atividades que lhes possam garantir a sobrevivência, obrigando-os a conviver e se ajustar à imensa massa de despossuídos que habitam as áreas periféricas das grandes cidades brasileiras, onde são condenados a viver de forma sedentária e extremamente precária

sofrendo com isto um sério processo de marginalização, agora não somente cultural, mas social, ao qual não estão de certa maneira acostumados, levando-os a praticar atividades também marginais devido à sua resistência cultural em não servir de mão-de-bra aos não ciganos.

Importante frisar que as grandes cidades têm papel decisivo nas relações econômicas e sociais dos vários grupos ciganos, uma vez que nas cidades se dá, pelo menos teoricamente, um melhor atendimento médico-hospitalar, melhores aparatos jurídicos e melhores condições de oferta e procura de produtos, garantindo aos nômades um melhor exercício da própria cidadania.

O processo compulsório de sedentarização cigana leva ainda a uma maior cobrança da sociedade majoritária frente a "legalidade" cigana. Documentos pessoais, domínio de terras, posturas e comportamentos éticos e morais são exigidos dos que circundam os acampamentos, agora "definitivos" mas, contraditoriamente, em todo território são inúmeras as dificuldades para se conseguir uma certi-

Foto: Virginia Bueno

Acampamento de um grupo Calon as margens do Rio Pinheiros na cidade de São Paulo / 1990



dão de nascimento a um cigano nômade adulto, exige-se o indispensável "comprovante de residência" para a elaboração de tal documento que serve de base para a futura obtenção de todos os outros documentos legais.

Portanto, a sedentarização viabiliza o "direito constitucional" à cidadania plena, sedentarização esta conseguida pela aquisição de um imóvel, uma vez que, também fruto do estigma cigano, torna-se difícil algum proprietário alugar seu imóvel a uma família cigana, com receio de que os mesmos possam desaparecer repentinamente como sempre acontece com os acampamentos, uma vez que a prática do nomadismo sempre foi fator de desconfiança para o cidadão sedentário e pode, muitas vezes, representar a antiga liberdade perdida pelo cidadão comum.

Exige-se também carteira profissional com registro funcional dos calons, para que estes possam conseguir assistência médico-hospitalar na maioria dos postos de saúde e hospitais das pequenas e médias cidades brasileiras. A contribuição como autônomos no INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social) torna-se muito difícil, devido a imensa burocracia envolvida e a necessidade também de comprovantes de residência fixa, fazendo com que a grande maioria dos velhos calons não possa gozar de aposentadorias, nem mesmo por limite de idade.

São também proibitivas as contas bancárias particulares, os crediários e empréstimos financeiros, dificultando assim a compra de imóveis e de outros bens, além da frequência em escolas, uma vez que exige-se também o tal "comprovante de residência fixa".

Na verdade, o que é exigido, é uma sedentarização forçada, e somente a partir desta, os ciganos até então nômades e autônomos podem, de certa forma, ter acesso aos direitos mínimos de um cidadão comum, porém, estes não são descaracterizados como ciganos, mantendo assim a perpetuação dos preconceitos, agora presentes na vida sedentária dos grupos antes nômades.

O processo de sedentarização também leva a uma importante perda da autonomia cigana no que se refere à escolha dos espaços que melhor se adaptem à realidade momentânea das famílias que, inclusive, respeitem alguns rituais e traços culturais específicos, como por exemplo, áreas que

serviram de palco para mortes ou lutas interfamiliares que são "esquecidas" pelos nômades.

Cabe aqui perguntar: como planejar as cidades tendo que considerar a situação transitória dos nômades? Em primeiro lugar, não considerando as experiências européias, que confinam estes em determinados espaços nos quais inserem alguns benefícios sociais como educação básica e saneamento, porém, perdendo-se com isto a autonomia típica destes grupos.

Uma solução seria através das Leis Orgânicas Municipais garantir algumas áreas públicas vagas e nelas admitir o uso móvel do espaço pelos nômades - cujo processo de localização, escolha e tempo de permanência deveriam ser previamente discutidos com os seus representantes e/ou com suas entidades regionais e nacionais, inexistentes no Brasil -, mas que podem ser articuladas com um trabalho político eficaz e consciente.

Em áreas menores, geralmente dentro dos grandes centros urbanos, seria aconselhável a criação de leis específicas que garantissem o uso temporário de alguns espaços, - também previamente estipulados e discutidos entre os representantes e as Prefeituras locais -, evitando-se assim a humilhação e os transtornos da expulsão e garantindo que, pelo menos, algumas famílias extensas, possam continuar a exercer seu característico nomadismo.

O direito constitucional de "ir e vir" iguala desta maneira os "cidadãos brasileiros-nômades", reconhecendo assim, o direito do **cidadão do mundo** ter o acesso à cidadania brasileira, uma vez que o reconhecimento do seu nomadismo representa o próprio reconhecimento de sua cultura e de seu modo peculiar de ocupar o espaço.

## A CONTRADIÇÃO DA GLOBALIZAÇÃO

A fragmentação humana contradiz e revela a fragilidade da globalização das relações, complexas e contraditórias entre si, pondo assim, em evidência, as situações de conflito que se traduzem, normalmente, pela marginalidade sócio-política dos grupos minoritários, que fogem de alguma forma dos padrões estabelecidos pela nova ordem mundial, e no caso específico dos grupos ciganos nômades, esta marginalização, contraditoriamente, se dá pela negação da essência espacial da

globalização e esbarra no âmago da própria cultura cigana, cujo pilar central é a prática contínua do nomadismo, responsável pela autonomia econômica de seus membros e pela perpetuação de seus costumes e tradições que garantem a perpetuação da própria identidade.

Apontar outras soluções seria imaturo, uma vez que a dinâmica de cada grupo tende a ser diferenciada, assim como sua adaptação ao mundo, agora globalizado, tende a ser cada vez mais complexa e contraditória, mas, tais soluções somente podem ser plenamente encontradas quando houver maior visibilidade política destes grupos e uma maior conscientização dos indivíduos de cada sociedade majoritária específica, frente a história e as particularidades culturais de cada grupo que compõem a heterogeneidade social.

Finalmente, o mundo do cidadão global deve ser apreendido como o mundo da diversidade cultural, da luta pela dignidade de grupos frente a outros, e nele deveria estar incluído, de forma igualitária, os cidadãos do mundo, que têm, nestes últimos mil anos, às duras penas, construído, ainda que de forma subjetiva, uma territorialidade e uma nacionalidade mundial, mas ansiosos de serem respeitados seus traços culturais mais significativos, entre eles, notadamente o direito de continuarem sendo nômades.

\* *Virginia Rita dos Santos Bueno é Profa., Pós-Graduada do Dpto. de Geografia da USP e Presidente da Associação Beneficente Sócio-Cultural Paulista (ASPA), de apoio aos ciganos nômades.*

## BIBLIOGRAFIA

- BERMANN, Marshall  
(1987) *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo, Editora Schwarz Ltda.
- CHINA, Oliveira J.B.  
(1936) "Os Ciganos do Brasil". *Revista do Museu Paulista*, Tomo XXI, pp. 323-669.
- CHINA, Oliveira J.B.  
(1948) *Op. Cit.* Versão do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Vol. III.
- FICOWASKI, Jerzy  
(1988) *Cyganie na Polskich Drogach*, Wydawnictwo Literackie, (Polônia) Krakón Wrocław.
- GOFFMAN, Erving  
(1975) *Estigma*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- MELLO, Moraes Filho  
(1981) (edição 1886 e 1885) *Os Ciganos no Brasil & Cancioneiro dos Ciganos*. Belo Horizonte, EDUSP.
- MOONEN, Frans  
(s/d) *Ciganos na Europa e no Brasil* (mimeo)
- ROMAN, Teresa San  
(1986) *Entre la Marginalización y el Racismo*. Alianza Editorial, Madrid.

# NAS TRILHAS DE LAMPIÃO

## O Nomadismo Como Estratégia

Ana Claudia Duarte Rocha Marques\*

### O PERCURSO DO NÔMADE

Terra de todos e de ninguém: a presença dos fora-da-lei no sertão nordestino remonta ao período colonial. Antes de perguntar-se *qual* é a lei, parece ter sido amiúde mais relevante para o sertanejo a certeza de saber *quem* a dita primeiro, de acordo com o local e com as circunstâncias. Deste modo, o caráter relativo da lei apresenta-se à superfície, como um dado adquirido e partilhado por todos e como um corolário da constatação de que ela é absoluta para cada um daqueles que a ditam. Em um confronto entre dois chefes locais, isto é, entre dois grandes grupos de aliados, infringir as leis de um deles pode ser condição de fidelidade ao outro. Quantas histórias de vida foram marcadas por um crime cometido um dia e pela posterior proteção obtida junto a um chefe poderoso, capaz de controlar a máquina jurídica local, livrando o criminoso dos aborrecimentos que esta poderia causar-lhe? Quantos jagunços iniciaram assim sua trajetória de guerra?

Os percursos de vida dos cangaceiros, os acontecimentos que precedem e justificam, em suas narrativas, a entrada de muitos deles em um bando como o de Lampião, não divergem muito daqueles associados ao destino dos jagunços, capangas e cabras de coronéis. Um homicídio cometido por um indivíduo, frequentemente por razões de vingança - fator que o legitima desde o ponto de vista de um código de honra sertanejo - jaz na base de um conflito muitas vezes irreconciliável com a justiça, sobretudo se não pertencer às camadas dominantes da sociedade sertaneja. A recuperação da dignidade perdida lança o vingador na ilegalidade, condição na qual tende a manter-se indefinidamente se preferir não enfrentar, por sua própria conta, os procedimentos jurídicos regulares que culminariam em sua prisão. Face a semelhante problema, a sociedade sertaneja formulou algumas soluções, sendo talvez a busca de refúgio junto a um fazendeiro politicamente influen-

te a mais tradicional. Para compensar o abrigo recebido ou mesmo sua inocentação por um júri controlado por seu protetor, o protegido encontra em sua fidelidade o único meio de saldar sua dívida. É assim que sua liberdade tem como consequência a constituição ou acentuação de laços especiais de dependência e, não raro, sua paradoxal adoção de um modo de vida marcado pela ilegalidade - quando se converte em homem de armas a serviço de seu protetor. Tais laços de dependência não são em si desvantajosos: o valor socialmente atribuído à vida em armas no sertão trouxe para muitos um prestígio que dificilmente seria alcançado por membros dos segmentos pouco abonados. Assim mesmo, o vingador poderia, em alternativa, assumir os riscos de uma fuga, do abandono da região que lhe era familiar, da busca do refúgio no anonimato em alguma paragem longínqua, de um futuro novo, mas também sem maior perspectiva de proteção. A esta solução migratória acrescentou-se uma outra, nômade, atualizada pelos cangaceiros de Lampião.

A permanência do cangaceiro na ilegalidade reúne elementos do destino do homem de armas do coronel e do migrante, mas não se confunde com o modo de vida de nenhum dos dois. Como nômade, ele não abandona seu território. Ao contrário, expande-o, empurrando seus limites ao sabor de suas andanças e sobretudo de suas alianças com os segmentos da legalidade. Tais alianças, no entanto, garantem a este guerreiro nômade uma autonomia não alcançada pelos jagunços, cabras e capangas. É acima de tudo em seu próprio nome que o cangaceiro luta, mata, saqueia, ainda quando seus atos beneficiam indivíduos que não sejam membros de um bando. Pois, sem dúvida alguma, as armas de Lampião e seus homens também serviram a interesses outros que não especificamente os seus. Por isso mesmo, a distinção de sua autonomia, de sua diferença em relação a outras categorias de guerreiros do sertão, traz

sempre dificuldades pela sua sutileza, que muito confunde aqueles que procuram analisar a especificidade do fenômeno do cangaço de Lampião. Entendo que tanto a investigação das condições de sua autonomia, quanto de sua peculiar territorialidade, fatores que aliás estão articulados entre si e que constituem dimensões pouco exploradas daquele cangaço, podem auxiliar a compreensão deste fenômeno e eventualmente de outros movimentos de nomadização.

### UM MAPA CRONOLÓGICO

Pouco tardou para que o talento guerreiro e de liderança de Virgulino Ferreira, célebre sob a alcunha da Lampião, fosse reconhecido por Sebastião Pereira, chefe do bando de cangaceiros no qual ingressou em 1921. Menos de um ano depois, após um período de intensa atuação dos cangaceiros coroada de êxitos, Lampião assume o comando do bando, por vontade de seu antigo líder que abandonava então definitivamente a vida de cangaceiro e o palco de suas lutas (Chandler, 1981: 45). No entanto, a saída de Sebastião Pereira provocou alterações nem sempre favoráveis ao novo chefe. Tanto as deserções quanto o nítido declínio do apoio antes fornecido irrestritamente pela parentela dos Pereira demonstram o caráter pessoal e parental dos vínculos internos e externos do bando, que devia sobretudo à presença e ao comando de Sebastião Pereira a sua coesão, a adesão de seus integrantes e suas alianças com os segmentos da legalidade. Perdidas em grande parte, com a nova chefia, estas condições indispensáveis à continuidade do bando, fez-se necessário reconquistá-las. Em particular as alianças travadas com membros da camada dominante tiveram de ser zelosamente cultivadas. Eis o motivo pelo qual Lampião

*... andava, de 22 para 23, tão ocupado com a amizade que reforçava com o coronel Marçal (Marçal Florentino Diniz), das Abóboras, e o filho dele, também coro-*

nel, Marculino (Marculino Pereira Diniz)...” conforme consta em um relato do ex-cangaceiro Medalha (Mello, 1985, p. 202).

A área de influência política dos coronéis Marçal e Marculino abrangia os municípios de Triunfo, em Pernambuco, onde se situava a fazenda Abóboras, e de Cajazeiras, na Paraíba. A ligação política e parental de ambos a José Pereira Lima, um dos chefes políticos mais importantes do sertão, era também particularmente benéfica a Lampião, que podia encontrar na região, e em especial nas propriedades dos amigos, o afrouxamento das perseguições que naquele período suscitava com suas façanhas audaciosas e de longo alcance. Pois, além dos vários municípios de Pernambuco e da Paraíba, Lampião atuou também em Alagoas e no Ceará, estendendo assim significativamente os limites territoriais de seu bando. Todavia, a este movimento de expansão seguiu-se uma súbita retração espacial do bando, que culmina em 1924, correspondente à sua gravitação em torno da área de influência daqueles seus aliados. Considero que este período foi decisivo no que respeita ao destino do cangaço de Lampião.

Estar sob a proteção de um grupo tão restrito de aliados importantes comportou o risco da perda da autonomia que se fez sentir por ocasião do assalto dos cangaceiros à cidade de Sousa, na Paraíba, em julho de 1924. O prejuízo causado alcançou a soma vultuosa de 200 contos (Oliveira, 1970, p. 201) e teve como contrapartida a ruptura definitiva entre Lampião e o coronel José Pereira Lima. Chandler afirma que o chefe político sentiu-se afrontado com o episódio (1981: 65). Mas a iniciativa do rompimento terá partido do bandido que, segundo a versão bem mais ácida e não menos abalizada de Mello (1985, p. 25), ficou insatisfeito com o modo como o aquele seu protetor aplicou-lhe os lucros do butim. De todo modo, o incidente significou o acirramento da perseguição ao bando na área de influência de José Pereira, cujo poder inibia qualquer facilidade que os coronéis Marçal e Marculino ainda se disputavam a oferecer a Lampião. Desde a perspectiva deste último, no entanto, manter a proteção de tais aliados significava perder indiscutivelmente o pleno domínio de seus atos e limitá-los tanto em seu alcance quanto em sua qualidade. Significava, em suma, estar sob as ordens, sob a dependência de outrem. No ano de 1924 Lampião esteve muito próximo da condição de jagunço.

Após alguns meses em que se registra-

ram poucas ocorrências relativas ao bando de Lampião, assistiu-se a uma retomada de sua expansão territorial. Ao longo do ano de 1925, a presença dos cangaceiros foi testemunhada novamente em diversos municípios espalhados em quatro estados, entre Alagoas e o sul do Ceará. Isto é, Lampião voltou a atuar em um território cuja maior parte já lhe era conhecida. E este é um outro aspecto relevante.

Os percursos dos cangaceiros não são tão aleatórios quanto poderia sugerir uma descrição de suas trajetórias ziguezagueantes. A continuidade de seus deslocamentos é necessária a constituição, prévia e ao longo dos mesmos, de pontos de abastecimento, abrigo, proteção, que dispense o retorno a um centro provedor de tais apoios materiais e de serviços. Esses pontos são fundados mediante as alianças entre cangaceiros e habitantes das regiões que percorrem. Em 1995, Sr. Francino, habitante da cidade de Tucano, na Bahia, explicou-me como Lampião conheceu sua família, através de um amigo comum, Zé Sozinho, que conduziu o bandido para almoçar em sua casa. Neste período, Zé Cabrito, como era conhecido o pai de Sr Francino, era o vaqueiro da fazenda onde aconteceu este primeiro encontro com os cangaceiros, o que voltaria a acontecer por mais uma vez. Mas, tempos depois, ele conseguiria comprar sua própria fazenda, que novamente foi visitada por Lampião.

*“Ele passou na fazenda de meu pai (ai já era mais vaqueiro). Ele passou três vez. Todas três vez nunca encontrou meu pai. Encontrava minha mãe. (...) Ele já conhecia ela: ‘dona, é fácil a senhora me arrumar um almoço?’ As vez ele passava com 18 homi. (...) ‘É, capitão, uma demorazinha, se arranja o almoço’. Tinha uma quixabeira grande, mandava tudo pra lá; [os cangaceiros] se assentava tudo na porta, ali, ninguém entrava. Ela (...) tinha resto de carne, jogava no feijão, matava umas quatro, cinco galinha, cozinhava, quando aprontava botava deiz prato. Botava a mesa na varanda, dizia: ‘Capitão, chama deiz’. Ele chamava deiz cabra, almoçava...”*

Através do relato de Sr Francino, torna-se bastante nítida a prevalência das alianças na determinação dos pontos, que podem não ser espacialmente imóveis. Uma amizade, ainda que fortuita - as relações entre Lampião e a família de Zé Cabrito não eram particularmente estreitas - pode ser ponto de partida de outras, além de ser suficiente no que respeita aos interesses de ambas as partes: os canga-

ceiros muitas vezes pagavam prodigamente os benefícios recebidos, ou no mínimo pou-pavam a fazenda do aliado, que encontrava por isso vantagens assinaláveis em oferecer vez por outra um esconderijo, um almoço, uma informação errada sobre os bandidos à polícia. Multiplicados, os pontos assim fundados facilitam a mobilidade e ampliam as alternativas de percursos, sem no entanto converterem-se em centro de gravitação, como acontecera na área de influência de José Pereira Lima. O aspecto quantitativo tem, portanto, efeitos qualitativos na constituição do território do cangaço. O nomadismo dos cangaceiros de Lampião decorreu antes da ausência de centros de gravitação em seu espaço, isto é, da gravidade de seu território, destituído que foi de um ponto de retorno, do que da simples frequência dos seus deslocamentos. Isso não significa que uma vez abandonado um ponto, o cangaceiro jamais tornará a vê-lo: no seu caminho sem volta, a repetição de um ponto não significa retorno, mas apenas condição de prosseguimento.

## GUERRA SEM PAZ

O movimento de ida sem volta tem por certo um valor estratégico que compensa a ausência de um centro de proteção mais excepcional. A própria trajetória oferece uma invisibilidade em alternativa à proteção que um chefe político poderoso garantiria a seus braços armados. Sob a proteção de José Pereira, Marçal e Marculino Diniz, Lampião era inacessível, embora se soubesse quase sempre onde encontrá-lo. Os próprios policiais declararam em suas memórias este conhecimento (Lira, 1990). Mas doravante, a incômoda pergunta “onde está Lampião?”, que tantas vezes figurou nas manchetes dos jornais da capital nordestina e nas mentes de seus perseguidores, permanece no mais das vezes sem resposta certa. Ele estava em toda parte e em lugar algum. Seus rastros eram encontrados, para serem novamente perdidos logo adiante.

A organização interna do bando de Lampião também produziu efeitos importantes na sua espacialidade, cuja compreensão fica também facilitada através de uma análise cronológica. Até 1928, ano em que Lampião atravessa o rio São Francisco e seus cangaceiros passam a atuar também nos estados de Sergipe e da Bahia, acontecia de grupos distintos de bandidos reunirem-se para uma ação conjunta, sob o comando geral daquele chefe, cujo sucesso era um atrativo para

novos colaboradores que, no entanto, mantinham sua autonomia. Desta forma, o contingente de cangaceiros aumentava e diminuía, com a agregação dos grupos e sua posterior dispersão. Assim, o célebre e malgrado assalto a Mossoró no Rio Grande do Norte mobilizou 52 homens, em 1927. Durante os dias que antecederam e sucederam o cerco, todos os passos dos cangaceiros foram seguidos e registrados, inclusive pela imprensa (Nonato, 1965). Mas diante da perseguição que este feito suscitou, seria por demais imprudente manter um tal contingente de homens unido e, por conseguinte, exposto ao olhar de todos. Foi impelido pelo acirramento das forças de repressão que Lampião penetrou no estado da Bahia, pela primeira vez como cangaceiro. À margem sul do São Francisco, ele rearticulou seu bando, mas desde então adotou um modelo de organização de tipo confederado. Dividiu seus homens em vários grupos pequenos, dotados de chefes, reservando-se a liderança geral de todos eles. Através deste expediente, garantia a presença concomitante de seus cangaceiros em uma grande fatia de seu território. Mais do que nunca, Lampião estava em toda parte. O valor tático do novo modelo é bem traduzido por Raulpho Prata que comentou em seu livro:

*"Ubíquo, o inimigo está a vinte léguas e surge de repente, numa volta de estrada, pela frente, na retaguarda, nos flancos, sombriamente."* (1934, p. 46)

A multiplicação dos pontos de aliança servia bem a essa nova configuração do cangaço, que muito dependia de uma rede de informação eficaz entre os grupos, assegurada por *positivos*, isto é, mensageiros, destacados entre os aliados da legalidade, os quais também mostravam seus préstimos com informações úteis sobre as posições dos policiais. Para além da onipresença, Lampião ambicionava, e de certa forma obtinha, uma onisciência, ambas indispensáveis a uma vida integralmente votada à guerra.

Em última instância, é a adoção de um determinado modo de vida guerreiro que explica o nomadismo do cangaço de Lampião. Uma guerra desprovida de objetivos específicos, na qual as táticas não estão a serviço de uma estratégia que lhes seja distinta: não se almeja nenhuma vitória final<sup>1</sup>. A não ser que assumamos que a única estratégia cangaceira tenha sido manter-se em combate, em uma só e mesma manha, de múltiplos inimigos e aliados.

## ESPAÇO E TEMPO NÔMADES: O FUTURO DO PRESENTE E DO PASSADO

Como espectros, os cangaceiros apareciam sem aviso, toda vez que se sentiam suficientemente seguros para isso, causando alvoroço com sua presença, para depois desaparecerem com a mesma rapidez. Sabia-se com mais precisão onde estiveram, dificilmente onde estavam e virtualmente nunca onde estariam, mesmo em um futuro próximo.

O tempo privilegiado do cangaceiro é o presente, quando as alternativas do futuro imediato e sempre incerto desvendam-se. Investir no presente, abrir condições de possibilidades futuras, a partir de premissas passadas, eis a tarefa essencial dos cangaceiros. Assumamos a ambiguidade do termo presente: foi amiúde através das dádivas generosas, em banquetes, festas, dinheiro ou de seus serviços, que Lampião pôde assegurar, ao longo dos anos de cangaço, suas boas-vindas aos locais conhecidos. Uma dupla imagem de extrema crueldade e generosidade foram paralelamente cultivadas pelo cangaceiro, sendo a segunda a face preferível aos sertanejos. Sem dúvida, era mais vantajoso aliar-se a Lampião do que estar contra ele, mesmo considerando as compensações que tal amizade exigia, também em dinheiro, bens e serviços, conforme o poder e as posses do indivíduo. Um complexo cálculo esteve envolvido na decisão do que obter e do que oferecer, para que um fazendeiro ou um vaqueiro mantivesse seus préstimos, um caminho permanecesse aberto, a vida de guerra continuasse.

Note-se que a preparação do futuro tem aí um sentido muito diverso daquele que um cidadão médio tende a atribuir. Mais do que a redução das incertezas do porvir, o destino do cangaceiro depende do aumento de sua imprevisibilidade. A abertura de seus caminhos também se explica pela recusa do maior número possível deles todas as vezes em que se decide por trilhar um. Para o nômade, dificilmente o melhor caminho coincide com a menor distância entre dois pontos, uma vez que estes não são objetivos, mas meios de dar prosseguimento à sua jornada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensado em correlação com a guerra, a autonomia e a fundação de um espaço qualitativamente distinto daquele produzido pelo sedentário, onde os pontos não são convertidos em centros ou objetivos, o nomadismo

assume novas definições e um valor estratégico que possivelmente não caracterizaria apenas o cangaço de Lampião. Eventualmente cada um destes aspectos ajudam a compreensão de outros movimentos situados à margem da sociedade dominante: o nômade é inimigo tradicional do sedentário. Basta lembrar das sempre conflitantes relações entre beduínos e os Estados vizinhos de seu território, do ódio ancestral dos quais os ciganos, principalmente não sedentarizados, foram e até certo ponto ainda são alvo, ou do terror com que durante muito tempo os povos das estepes orientais, em particular os mongóis, assombraram a Europa. O desconforto permanece frente a este desconhecido em nossas sociedades, direcionado agora para grupos de miseráveis, cuja presença por si só é tantas vezes objeto de rejeição. O fim da ameaça encontra-se ou na morte, ou na sedentarização. Como não poderia deixar de ser, assim encerrou-se a história do cangaço no sertão nordestino. O cerco policial que teve como desfecho a morte de Lampião, em 1938, bem pode ser considerado o marco inicial da nova vida de seus companheiros, que em grande parte foram encontrar a paz, à custa de muito sofrimento, na migração para grandes cidades espalhadas pelo Brasil afora. Deixaram para trás, como tantos outros retirantes, o território que Lampião se recusou a abandonar, para sair em busca de um futuro diferente do presente, provavelmente difícil e mais previsível.

\* Ana Claudia D. R. Marques é Mestre em Antropologia e professora na UFSC.

## NOTA

1. Para uma abordagem mais aprofundada do problema da tática e da estratégia na guerrilha de Lampião, ver Villela (1995).

## BIBLIOGRAFIA

- CHANDLER, Billy Janes  
(1981) *Lampião: o Rei dos Cangaceiros*, São Paulo, Paz e Terra.
- LIRA, João G. de  
(1990) *Lampião. Memórias de um Soldado de Volante*, Recife, Fundarpe.
- MELLO, Frederico P. de  
(1985) *Guerreiros do Sol: o Banditismo no Nordeste do Brasil*, Recife, Massananga.
- NONATO, Raimundo  
(1965) *Lampião em Mossoró*, Mossoró, Pongetti.
- OLIVEIRA, Aglae L. de  
(1970) *Lampião, Cangaço e Nordeste*, Rio de Janeiro, O Cruzeiro.
- PRATA, Raulpho  
(1934) *Lampião*, s/e, Ariel.
- VILLELA, J.V.  
(1995) *A Organização Espacial do Cangaço de Virgílio Ferreira da Silva - Lampião - (1922-1928 / 1928-1938) ou como produzir território em movimento* (dissertação de mestrado em antropologia social - UFSC).

# O QUE DISTINGUE O NOMADISMO DA MIGRAÇÃO? O CASO DO CANGAÇO DE LAMPIÃO

Jorge Luiz Mattar Villela\*

## O NÔMADE ENCAPSULADO

Certos grupos humanos têm na adoção de um modo de vida marcado pela mobilidade espacial o fator fundamental de sua especificidade. Contudo, ciências como a Geografia, a História, a Sociologia e a Antropologia confundem sistematicamente as noções de nomadismo, transumância e migração, tornando nebulosas algumas particularidades que subsistem entre os grupos que têm aquele fator em comum. Através da análise de algumas formas de banditismo, proponho uma definição de nomadismo, muito influenciada pela de Deleuze e Guattari (1980), capaz de preservar e ressaltar a singularidade dos modos de vida que se inscrevem sob este signo.

Baseando-me em Leori-Gourhan (1965) e Raffestin (1980), apresentarei as principais características da territorialização sedentária e o modo de deslocamento do migrante daí decorrente. Deste modo ficará bastante nítido como a qualificação do espaço efetuada por alguns tipos de banditismo é próxima daquela do migrante. A segunda parte deste artigo concerne propriamente ao nômade. Nela, veremos qual é a principal característica definidora do modo de organização espa-

cial nômade. Em seguida, o caso do cangaço de Lampião será utilizado para ilustrá-la.

Para compreendermos estas distinções é preciso que comecemos por desfazer a séria imprecisão das imagens dos nômades e sedentários que em geral formamos em nossas mentes ainda na infância. Desde a nossa primeira escola, aprendemos a ver nos nômades uma existência de errância incessante e de extrema pobreza, caracterizada pela ausência de tecnologia suficiente para permitir-lhes o descanso da busca ininterrupta por viveres. Tal imagem é fundada sobretudo em dois argumentos: 1 - o nômade é apresentado como o homem da Idade da Pedra Lascada ou, em termos mais precisos, de Paleolítico Inferior e Superior. Trata-se, no entanto, de uma perspectiva bastante evolucionista entender o nômade, seja ele caçador-recoletor, seja ele pastor, como o ascendente necessário do agricultor, o homem neolítico; 2 - o nômade é apresentado como o caçador-recoletor, aquele que passa todos os momentos de sua vida procurando não morrer de fome e por este motivo não tem tempo para inventar a Civilização.

Estes dois mal-entendidos da História, da Arqueologia, da Geografia e da Antropologia vêm sendo desfeitos há algum tempo.

Antropólogos como Marshall Sahlins (1972) e de certa forma Pierre Clastres (1976), questionaram a idéia de que o caçador-recoletor não produziu civilização por falta de tempo. Ambos, principalmente o primeiro, apresentam dados quantitativos provando que, em comparação ao agricultor, o nômade tem muito mais tempo livre, o qual ele dedica ao ócio ou ao lazer<sup>1</sup>. O corolário destas teses é que o nomadismo não resulta da impossibilidade de sedentarização e, portanto, sua explicação deve ser procurada noutra parte.

## MIGRAÇÃO

O que distingue o modo de organização espacial sedentário do nômade não é o movimento sobre o território. A territorialidade sedentária também supõe deslocamentos. Nós, que somos sedentários, vamos todos os dias trabalhar, estudar, passear em algum lugar que não é a nossa casa ou a nossa rua. Costumamos viajar a negócios ou em turismo. No entanto, nômades e sedentários diferenciam-se pela relação que estabelecem com a superfície de deslocamento, os percursos efetuados e os pontos que preenchem esta superfície. Distinguem-se também, por outro lado, pelo recorte que efetuam no território. No caso dos sedentários, a terra é dividida e seus pedaços são distribuídos pelos habitantes. Entre os nômades, os homens é que se distribuem por um território indiviso<sup>2</sup>. Mas será apenas sobre o primeiro aspecto desta distinção que me concentrarei aqui.

Para Raffestin (1980), a representação de toda produção territorial tem como base a disposição de *pontos e retas* num plano (os três sintagmas da sintaxe euclidiana). Afastados uns dos outros, os pontos tendem, por natureza, a relacionarem-se e desta necessidade de ligação entre si é que surgem as retas, criando uma rede na qual os pontos são convertidos em nós ou cruzamentos e, portanto, em centros. Deste modo, as retas estão a serviço dos pontos. Os percursos (retas) são entendidos como distâncias a serem superadas, como obstáculos a serem ultrapassados. Esta representação é muito compatível com a definição de *espaço irradiante*, próprio do sedentário, conforme propõe Leroi-Gourhan. Este tipo de espaço tem como característica o fato de todos os percursos serem

orientados a partir de um centro irradiante. Eles partem necessariamente de um centro e vão em direção a outro. Daí resulta a fórmula geral de Deleuze e Guattari (*op. cit.*), segundo a qual o percurso do sedentário é aquele no qual existe um ponto de chegada objetivo e um ponto de partida preciso.

O migrante é aquele que sai de sua região de origem, em virtude de dificuldades de diversas ordens (políticas, econômicas, climáticas, legais etc) buscando uma outra região onde se instale, objetivando melhoria em relação à situação anterior. Assim, sertanejos saíram de suas vilas natais procurando o sul ou no norte do país; italianos fugiram da guerra procurando a paz no Brasil e nos EUA; brasileiros em geral refugiaram-se da ditadura militar na Europa. Todos reproduziram em seu movimento o modelo do deslocamento sedentário. Seus percursos foram obstáculos a serem vencidos na conquista de um novo centro para suas vidas.

## BANDITISMO

Tendo em vista a definição dada acima do espaço sedentário, cumpre agora procurar esclarecer o modo de operação do banditismo em geral no que concerne ao seu território. Alguns exemplos tradicionais serão úteis para compreendê-lo.

A binarização do espaço tem sido o recurso mais empregado em termos de organização territorial de diversos tipos de banditismo. Salteadores de caminhos, piratas e bandidos de montanha têm em comum o fato de distinguirem um território de esconderijo, mais protegido do assédio das repressões legais, e um de ação para cuja determinação concorrem as rotas comerciais (por terra ou por mar). A atração que elas exercem sobre estes tipos de bandido cresce na razão de sua importância em termos de fluxo de mercadorias. Em muitos casos, os próprios salteadores transformam-se em comerciantes de seu butim (Cremoux, 1991).

Por vezes a binarização do espaço atende sobretudo a razões de ordem administrativa, conforme ilustra o caso de Diego Corrientes, que favorecido por problemas de jurisdição instalou-se em Portugal e visitava a região espanhola da Andaluzia periodicamente para roubar cavalos

(Quiros e Ardila, 1973). Estratagemas similares utilizava o célebre Billy the Kid que, segundo Garret (s.d), atacava o México e fugia através do Rio Grande para o Texas ou Novo México.

O território de esconderijo pode corresponder a uma fortaleza, criada por um bandido para atender a esta finalidade. Na Serra do Cajueiro, nos sertões do Rio Grande do Norte, Jesuíno Brillante estabeleceu a famosa "Casa da Pedra", onde se refugiava e resistia às investidas da polícia. Por outro lado, o território de ação pode ser apenas sazonalmente estabelecido para aqueles bandos que invadiam povoados de agricultores, segundo as épocas do ano, para saquear as colheitas ou para cobrar impostos, como mostraram Hobsbawm (1966) e Funck-Brentano (1904).

Em cada uma destas modalidades de banditismo, os deslocamentos se dão sobre uma linha clara, cuja única utilidade é servir como elo de ligação entre dois pontos. Tratam-se de organizações espaciais mais próximas daquela do viajante comercial do que do migrante. Este último parte e se estabelece no ponto de chegada de sua viagem, fundando aí um novo local de residência tendencialmente definitivo, embora o desejo e a possibilidade de um retorno não se anulem por completo. O comércio itinerante, bem como o banditismo binarizante, ao contrário, presumem um tráfego periódico e mais sistemático sobre um percurso estabelecido de ida e volta.

## VIDAS EM MOVIMENTO E NOMADISMO

O que diferencia o espaço nômade das demais espacialidades dos grupos que se deslocam? Em cada um dos casos de grupos em movimento analisados até agora, verificou-se subsistir em seus deslocamentos a presença de pontos de partida e de chegada que também caracterizam a peregrinação e a transumância. À maneira do itinerante, o peregrino, em busca do santuário, sai de sua cidade para atingir um lugar predeterminado. Aí também o trajeto é um obstáculo que separa dois centros a atingir, na partida e no retorno a sua casa. O pastor transumante divide seu território em zonas segundo uma sazonalidade e

efetua um deslocamento muito semelhante ao do migrante. Ele deixa uma das zonas em virtude das más condições climáticas numa dada altura do ano e retorna a ela num momento mais apropriado. Contudo, o transumante singulariza-se pelo caráter cíclico de seu deslocamento e a sua alternância de residência.

O nômade distingue-se de todos estes grupos pelo fato de ser imóvel<sup>3</sup>. A afirmação paradoxal exige explicação. Se o espaço sedentário caracteriza-se pela relação de submissão da reta ao ponto, do qual está a serviço, então assumimos que um deslocamento corresponde ao movimento entre um ponto e outro. No caso nômade, ocorre o oposto. Leroi-Gourhan (*op. cit.*) chama *itinerante* ao espaço desprovido de um centro de irradiação. Invertendo a noção de produção territorial de Raffestin, teremos que o ponto passa a ser tão-somente um meio através do qual o percurso pode perpetuar-se. O nômade, tal como o entendem Deleuze e Guattari, não se desloca desde um ponto de partida até um ponto de chegada. Não efetua uma viagem de ida e volta; ele está em movimento absoluto, o que também quer dizer imobilidade, pois desde a sua perspectiva não há referencial fixo com relação ao qual se possa definir um movimento de afastamento ou aproximação.

Eis então um primeiro aspecto da imobilidade nômade. Mas imobilidade significa também que o nômade é aquele que se recusa a abandonar o território, o que não admite partir. Refletindo sobre o nomadismo de deserto, Toynbee (1951), relaciona o surgimento deste tipo de organização espacial a um fenômeno climático. Ele apóia sua tese em estudos arqueológicos levados a cabo na expedição Pumpelly e suas escavações no oásis transcápio de Anan, que revelaram que em virtude de uma seca inicial (Toynbee não fornece datas), os povos caçadores que habitavam áreas por ela atingidas viram-se obrigados a permanecer no oásis e trabalhar a terra para assegurar a sua subsistência. A agricultura resultou numa nova relação com os animais, possibilitando que eles fossem domesticados. Uma segunda seca arruinou o oásis e fez fugir uma parte da população. A outra parte permaneceu e com seus animais adotou um modo de vida

nômade. Resulta daí que a sedentarização não é necessariamente posterior ao nomadismo, nem uma evolução tecnológica em relação a este último. Autores como Toynbee e também depoimentos como o de Lawrence (1936, pp. 28-32) mostram de que forma o sedentário pode tornar-se nômade, viver como numa espécie de mar no qual o estacionamento é proibido e o movimento é absoluto, as "ilhas" sendo somente meio de continuar uma jornada sem fim.

## O CANGACEIRO IMÓVEL

Andrade (1954) classifica assim os diferentes tipos de deslocamentos típicos do Nordeste: migrações da Fome e migrações da Fortuna. No primeiro caso, a fome empurra o migrante ou retirante. No segundo, a esperança de vida melhor o atrai. Distingue também as duas formas de migração, a amplitude e o volume: os que migram em virtude da fome não chegam tão longe e vão em menor número do que os que buscam a fortuna. Sem entrar no mérito da classificação, eu diria que o traço característico da mobilidade nordestina é seu caráter migratório. Sempre existe uma "mudança", no sentido mais urbano que o termo possa ter. Embora considere que migrações da Fome e da Fortuna muitas vezes se confundem proponho a elas acrescentar uma outra modalidade: a migração do Medo. É a fuga da violência e da justiça. Por exemplo: uma família mora numa cidade ou sítio assolado constante ou periodicamente por bandoleiros; ou no lugar há um "valentão" que aterroriza os vizinhos. Não são raras nos jornais notícias como esta:

"Peço providências contra as arbitrariedades do sr. Antonio Fraga, jagunços do sr. Ovidio Antunes que arrombou minhas mangas (...) É costume deste Ovidio açular desordens (...) O secuaz Antonio Fraga por ordem de seu patrão há muito vem me perseguindo (...) Estas perseguições dictadas mando desabusado, proporciona ao povo imigrar para São Paulo" (*Diário da Bahia*, 19/5/29).

Havia nestas paragens homens que não eram *corredores* (covardes), mas que tinham de migrar para outras regiões, fugindo da justiça ou em virtude de uma querela cuja mediação de um coronel determinava

a partida de uma das partes em litígio. Foi o que ocorreu com os Ferreira. Virgulino e a família tiveram de deixar Serra Talhada em busca de Floresta e depois foram empurrados para Mata Grande<sup>4</sup>. Há muitos outros exemplos como este que explorei mais detidamente em outro local (Villela, 1995).

Seguindo o caso de Virgulino, pode-se dizer que após a morte do pai, sua condição de migrante do Medo modifica-se. Já não se trata mais de sair de um lugar e procurar outro, deixar uma região por outra. Como cangaceiro imóvel já não fará mudanças, recusar-se-á a partir, a abandonar o território. Numa entrevista dada por ele em Juazeiro, por duas vezes foi-lhe perguntado porque não abandonava o cangaço, ou ao menos se tinha isto em mente. Duas foram as respostas, muito diferentes entre si. A primeira foi essencialmente profissional: ele perguntou ao entrevistador se, caso tivesse um negócio e se ele estivesse indo bem, pensaria em deixá-lo? Mas a outra resposta é absolutamente militar e territorial. Lampião disse que não queria sair do cangaço pois gostava da vida das armas. Se não gostasse, não sairia porque os inimigos não o esqueceriam. Neste caso teria de ir para longe, o que considerava uma covardia (Macedo, 1970). Pode dizer-se que do período de 1922 até 1928 Lampião não abandonou um território, mas apenas o ampliou no correr dos anos. A única breve retirada foi a incursão a Mossoró. Efetivamente o Rio Grande do Norte esteve livre da presença do cangaceiro. Mas Ceará, Pernambuco, Paraíba e Alagoas jamais foram abandonados neste período. O caso mais evidente é o de Pernambuco, onde Lampião era intensamente perseguido. Dali surgiram seus primeiros e maiores inimigos, seus mais ferrenhos perseguidores. Ainda assim, Lampião é visto frequentemente em sua região natal, no Vale do Pageú. Nem sequer as proximidades de Nazaré (Carqueja), vila que deveria ser evitada pelos Ferreira dadas as inimizades que fizeram ali durante sua curta permanência, foram abandonadas.

Lampião, até 1928, recusou-se a deixar o território. Podia ter seguido o exemplo de Sinhô Pereira, seu antigo chefe, e migrar para Goiás. Porém optou pela via imóvel

do nômade mesmo atravessando condições de extrema adversidade como as de seu último ano ao norte do rio São Francisco.

Mas como era feita a organização do espaço nômade de Lampião? Esquemáticamente, o banditismo de Lampião não binariza o espaço. Produz tendencialmente um território único, no qual ação e esconderijo se misturam. A caatinga e a montanha não servem como "covil", mas como região aberta, onde o refúgio da perseguição é possível, mas também o acesso a recursos (logísticos, alimentares e de riquezas) é praticável. Ao contrário do salteador de caminhos, a estrada é evitada havendo antes um abandono tendencial dos meios de condutibilidade regulares. O território de Lampião é de condutibilidade máxima, é aberto, sem impedimentos fixos ou âncoras gravitacionais.

Se o migrante desloca-se de um ponto ao outro, os pontos que preenchem o espaço cangaceiro servem como meios de captar recursos. O *coiteiro* desempenha aí um papel fundamental como provisor de alimentos, armas e munições. Tampouco existe continuidade entre esta espacialidade e a do transumante pois o trajeto não é estabelecido previamente segundo a sazonalidade ou os caminhos. Os pontos são cambiantes, criados e eliminados ao sabor das conjunturas políticas, jurídicas, militares, da vontade do chefe ou de outros componentes.

Lampião e seus homens mostram que o nômade não é aquele a quem falta uma certa tecnologia. Ele desenvolve, sim, uma tecnologia própria que satisfaz às suas exigências cotidianas. Tecnologia militar, como foram o aríete e a catapulta. Tecnologia de habitação, como foram as casas sobre rodas, o feltro, as residências biodegradáveis dos caçadores-recoletores. Tecnologia de transporte, como foram, para o caso específico dos cangaceiros, a *borracha* d'água, o embornal, a cartucheira de ombro, o *tubo*.

Ao contrário dos cangaceiros ligados a lutas de famílias e a grupos armados a serviço de um chefe, Lampião amplia seu território, multiplica os alvos de sua violência, alargando o alcance desta mesma violência. Na mesma medida, aumenta o

número e a topologia de seus inimigos. O que faz com que deva diversificar as suas alianças e fazê-las surgir sobre uma superfície cada vez maior. Cada um dos aliados, qualquer que seja a solidez do laço, é um ponto sobre a superfície. Um ponto que proporciona continuidade ao trajeto.

## DEENCAPSULAR O NÔMADE

Apesar da impossibilidade de aprofundar a descrição da produção territorial nômade do cangaço de Lampião, tendo em vista a ausência de uma etnografia que seria capital, mas que apresentei em outra parte (Villela, *op.cit.*), as linhas gerais que distinguem o nomadismo da migração, no que toca à organização do espaço e dos deslocamentos, foram apresentadas aqui. Embora tal distinção já tenha sido feita anteriormente por outros autores tais como Leroi-Gourhan e Deleuze e Guattari, é sempre útil uma apresentação de casos concretos. No Brasil, poucos fenômenos de grupos em movimento são mais característicos do que o cangaço, particularmente o de Lampião. Levando em conta que a guerra traz deslocamento, é frutífero observar que nela também se pode obedecer às leis da mobilidade sedentária, o que só esporadicamente ocorreu no caso mencionado. Apesar das ocasionais experiências de sedentarização efetivamente observadas ao longo dos anos, acredito não incorrer em risco ao asseverar o nomadismo de Lampião.

Existiu sempre uma relação de antagonismo entre nômades e sedentários. O Estado, desde épocas remotas até o presente, vem tentando fixar, através de leis, de dispositivos educacionais, através do trabalho e da religião, os grupos humanos que vivem em movimento. Uma das formas de fixar o nômade é convencer a todos, aí incluídos os próprios nômades, da incapacidade tecnológica, da inferioridade civilizacional deste modo de vida. Como procurei mostrar, o nomadismo tem em si uma forma diferente, mas positiva, ele tem uma realidade independente e completa que não é defeituosa nem decorrente da ausência do que quer que seja.

\* Jorge Luiz Mattar Villela é Mestre em Antropologia Social.

## NOTAS

1. As etnografias sobre povos de caçadores-recoletores remontam ao século XIX, com Bleek (1869, sobre os San do Kalahari) e Spencer e Guillen (1899, sobre os Arunta da Austrália) e ganham força excepcional nos anos 60 em virtude dos trabalhos do Harvard Kalahari Research Group, liderado por Lee e Devore, que desembocou na publicação da coletânea *Man the Hunter* em 1968.
2. Além de Deleuze e Guattari (*op. cit.*), esta questão é profundamente discutida num artigo de Hartog, "Les Scythes imaginaires: espace e nomadisme", *Annales - E.S.C.*, 34e anné, 6, 1979.
3. O problema do "nômade como aquele que não se move" foi levantado por Toynbee (1951) e retomado por Deleuze e Guattari (*op. cit.*).
4. Para uma exposição do caso dos Ferreiras contra os Barros ver Ferraz (1979); Chandler (1981); Mello (1985); Lira (1990) entre outros.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, J.A.  
(1954) "Le Migration dans le Nord-Est du Brésil", *Cahier Internationaux de Sociologie*, v. XIV.
- CHANDLER, B.J.  
(1981) *Lampião Rei dos Cangaceiros*, São Paulo, Paz e Terra.
- CLASTRES, P.  
(1976) "Age de Pierre, âge d'abondance" (prefácio da edição francesa de *Stone Age Economics*).
- CREMOUX  
(1991) *Le Bandit et son Image au siècle d'or*, Paris, Sorbone.
- DELEUZE, G e GUATTARI, F.  
(1980) *Capitalisme et Schizophrénie - Mille Plateaux*, Paris, Minuit.
- FERRAZ, M.  
(1978) *O Canto do Acauã*, Belém, s/n.
- FRUCK-BRENTANO, F.  
(1904) *Les Brigands*. Paris, Hachette.
- GARRET, P.J.  
(s/d) *The Authentic Life of Billy, the Kid*.
- GREGÓRIO, J.  
(1976) *Cangaceiros e Herói - Jesuíno Brilhante*, Campina Grande, s/n.
- HOBBSAUM, E.  
(1966) *Bandits*, London, George Weindeinfeld & Nicholson.
- LAWRENCE, T. E.  
(1936) *Seven Pillars of Wisdom*, s/l, Doubleday & Company.
- LEROI-GOURHAM, A.  
(1965) *Le Geste e La Parole* (2 v.), Paris, Albin Michel.
- LIRA, J.G.  
(1990) *Lampião: Memórias de um Soldado Volante*, Recife, Fundarpe.
- MACEDO, N.  
(1970) *Floro Bartolomeu - o Caudilho dos Beatos e Cangaceiros*, Rio de Janeiro, Agência Jornalística Imagem.
- MELLO, F.P.  
(1985) *Guerreiros do Sol*, Recife, Massangana.
- QUIROS, E. e ARDILA  
(1973) *El Bandolero Andaluz*, Madrid, Turner.
- RAFFESTIN, C.  
(1980) "Qu'est-ce le Territoire?" in: *Pour une Géographie du Pouvoir*, Livrairies Techniques.
- TOYNEBEE, A.  
(1951) *A Study of History* (tr. fr. Paris, Gallimard)
- SAHLINS, M.  
(1972) *Stone Age Economics* (tr. fr. Paris, Gallimard)
- VILLELA, J.M.  
(1995) *A Organização Espacial do Cangaço de Virgúlio Ferreira da Silva - Lampião (1922-1928/1928-1938) ou Como Produzir Território em Movimento*. (Dissertação de mestrado defendida na UFSC).

# TRECHEIROS E PARDAIS: TRAJETÓRIAS NÔMADES<sup>1</sup>

Felipe Faria Brognoli\*

Os termos TRECHEIRO e PARDAL<sup>2</sup> são pouco conhecidos por pessoas de fora dos limites da vida nômade e mesmo daqueles que têm com eles algum contato mais direto. Seu uso parece circunscrever-se, em grande medida, aos próprios andarilhos, constituindo assim uma *categoria nativa*. Podemos perceber uma articulação das definições acerca dos TRECHEIROS girando em torno de três eixos principais, igualmente articulados entre si: um eixo

espacial, outro moral e um terceiro temporal. O primeiro deles refere-se ao deslocamento espacial e separa TRECHEIROS e PARDAIS segundo o trajeto percorrido. Estes adotam, geralmente, percursos estabelecidos e relativamente pequenos - dentro de uma mesma cidade ou entre cidades próximas - se comparados aos trajetos dos TRECHEIROS, indeterminados e amplos.

Outro eixo refere-se a uma qualidade moral que associa honestidade e apego ao trabalho aos TRECHEIROS, na voz destes

mesmos, enquanto os atributos opostos são dirigidos aos PARDAIS, referidos como mendigos, vagabundos, ladrões, aproveitadores, "parasitas". A acusação de "parasitismo" aqui ganha relevo particular porque tal termo implica em reconhecer a ausência de movimento e o recurso de viver às custas de outros como estando interligados, o que, para efeitos de estabelecimento de contraste, sugere um acréscimo de valor moral aos que recusam tanto uma coisa, quanto a outra. No entan-

Foto: Felipe Faria Brognoli



to, o **acharque**<sup>3</sup> constitui tática central de sobrevivência para ambos e não o trabalho.

O terceiro eixo, que também está associado ao anterior, têm caráter temporal, associando as qualidades morais a um TRECHEIRO "autêntico", personagem pretérito "expulso" do cenário pela violência que se encarna, por vezes, nos TRECHEIROS "modernos".

Servindo de base às representações identificatórias, as relações efetivas com o espaço são suficientes para construir limites ou delimitar territórios que a primeira vista seriam contíguos: os TRECHEIROS que marcam sua diferença por oposição aos PARDAIS, amalgamando critérios espaciais, temporais e morais, vão fundar, na verdade, uma territorialidade própria, conjugando uma série significativa mobilidade-trabalho-honestidade. Unidos, no entanto, pelas linhas de fuga do mundo normatizado, ambos referem-se ao **burguês** - sujeito sedentário/mundo de relações hierárquicas - como novo pólo limite, diferenciador dos territórios. De outro modo, reestabelecem o código do qual pareciam libertos ao apoiar-se em formas tão arraigadas de distinção e classificação. Reterritorializam suas próprias fugas marginais dentro do código de valores da "normalidade".

Os andarilhos, de uma maneira geral parecem habitar livremente o imaginário social, cercados como estão de uma mística acerca de suas razões e modo de existência, geralmente associados a certo ideal de liberdade: fazer o que se quer, ir onde se deseja, não ter compromissos, ser senhor de seu tempo e de seu destino. No entanto, estas idéias nem sempre recebem confirmação no real. As condições de vida dos andarilhos os colocam entre os que precisam articular formas de viver diferenciadas das preconizadas como desejáveis pela "sociedade abrangente". No caso aqui em foco, a particularidade refere-se à construção de um viver nômade, não importando se por escolha própria, ou por contingência.

Seu nomadismo, no entanto, não reside no fato de manter-se constantemente em movimento, mas ao contrário, está na adesão aos locais onde se determina um trânsito constante - a rodovia, as praças e as ruas - e onde ninguém fica, apenas passa. São espaços comunicantes entre pontos,

ou *não-lugares*, conforme a designação de Marc Augé.

Traço nômade por excelência, pois ao recusar-se a deixar o lugar onde os outros não permanecem, recusa também o movimento que define este lugar como espaço comunicante, ancorando-se no intervalo entre os pontos. O nômade, afirmam Deleuze e Guattari, paradoxalmente, é *aquele que não se move*, pois o movimento *designa o caráter relativo de um corpo considerado 'uno', e que vai de um ponto a outro*. (Deleuze e Guattari, 1988: 385). Para o nômade, o espaço **entre** os pontos é que conta, enquanto para o sedentário o privilégio recai, justamente, sobre o ponto. O nomadismo não é nenhum papel ou posição, nem mesmo identidade que os diferentes sujeitos podem assumir, mas uma lógica de ação contra as intromissões hierarquizantes do Estado, podendo abarcar diferentes posições sociais simultaneamente, por ser um vetor que as atravessa.

Para o nômade, a relação com o espaço não é a da apropriação mediada pelo regime de propriedade, mas de ocupação: um espaço localizado e não delimitado, onde o que importa não são os pontos de fixação ou de parada, que no espaço apropriado pela forma-Estado operam como "canaletas" que conduzem o deslocamento, reduzindo-o a uma função comunicante. Todavia é o próprio deslocamento em si que secundariza os pontos e os subordina aos trajetos, ganhando autonomia e direção própria. Aqui os pontos só existem para ser abandonados.

Se o aparato de Estado apóia seu poder político na capacidade de estabelecer redes de comunicação, ou seja, em instituir os caminhos através dos quais se vai de um ponto a outro, em controlar a circulação dos fluxos, em ligar os pontos de modo a determinar um território fechado pelas fronteiras e promover um esquadramento do espaço para dele se apropriar, os nômades podem encarnar uma *máquina de guerra* como potência disruptiva desta forma de organização.

A forma-Estado produz então sedentarização: prevalência dos pontos sobre os trajetos; pensamento circunscrito aos limites do binarismo, da distribuição da realidade em categorias de opostos (ciência de Estado); esquadramento e apro-

priação do espaço. *A máquina de guerra* produz nomadização, que põe de outro modo estes elementos. Porém, ambos se engendram mutuamente e não existem como objetos independentes que em certo momento entram em relação, mas coexistem e competem em interação constante.

Portanto a *máquina de guerra* não é nenhum objeto concreto, mas o *modo de um estado social que conjura e impede a formação do Estado*. (Deleuze e Guattari, 1988: 365), embora possa materializar-se nestas ações que têm como fim um ataque aos princípios de organização da forma-Estado. Daí também a possibilidade de pensar TRECHEIROS e PARDAIS a partir deste prisma, pois o modo de composição de suas vidas é permeado por esta outra lógica que inverte os usos público e privado dos espaços, que se nega a permanecer e busca escapar às capturas institucionais, que faz com que suas relações levem em conta a possibilidade de instauração de hierarquias e mantenham sempre disponíveis instrumentos para evitar que tal estruturação se instale. Seu caráter nômade é claro não apenas pelo "hábito" de deslocar-se constantemente, mas em função de tudo o que isso implica no modo de constituição ou agenciamento dos elementos significativos e de suporte.

Os sujeitos que são arrastados por estes fluxos que não se conformam aos códigos sociais e, simultaneamente, abandonam-se neles, acabam por desembocar naquilo que já recebeu tantos nomes: marginalidade, desvio, liminaridade, quando podemos abstrair agora seus significados específicos para manter aquilo que guardam em comum, isto é, as linhas de fuga que traçam em relação aos núcleos formadores do desejo normatizado. Os que se envolvem por esta "paixão de abolição" tendem a nomadizar-se.

## A VIDA NO TRECHO

Organizando seu cotidiano através de táticas diversas, TRECHEIROS e PARDAIS movem-se de acordo com as oportunidades fortuitas, apreendidas caso a caso, deslizando entre regras e valores sociais, tornando aquilo que seria desfavorável em vantagem, isto é, revirando os códigos sociais em seu proveito. Tais efeitos de

apropriação se obtêm através de um *modus operandi* cuja lógica é o emprego de táticas como guia das ações, forma privilegiada de operação para os que ocupam posição de inferioridade, constituindo uma tentativa incessante de retomar ou reapropriar-se do controle a partir deste ponto na hierarquia social. Combate sem trégua, sem objetivo, sem território a conquistar; movidos apenas pela luta em si, por um fazer e desfazer de si e do outro. Dominados sim, mas não passivos ou dóceis, diz-nos De Certeau. Nesse sentido a própria "adoção" do trecho já significaria um passo nesta direção, uma vez que permite aos sujeitos uma fuga da apreensão por certos aparelhos institucionais. Um modo de subversão ao fugir do sistema sem deixá-lo e ao impregnar as coisas com significados estranhos ao sistema que as criou através de seus usos: o poder dos fracos.

Como tática de sobrevivência o trabalho eventual aparece frequentemente ao lado de outras formas menos legitimadas pelos códigos da normalidade, como a mendicância e o furto. No entanto, diferentemente dos migrantes que têm na ocupação o motor de seu deslocamento, para os TRECHEIROS parece ser o trajeto que determina as oportunidades de trabalho e não o contrário, ou seja, o trabalho não é o principal critério adotado como determinante nas escolhas de percurso.

Mesmo apontado como característico da identidade do TRECHEIRO, como afirmado através do eixo moral visto antes, o apego ao labor aparece quase sempre subordinado às exigências de manutenção da mobilidade: trabalho temporário, sem vínculo empregatício, sem registro em carteira profissional. O trabalho eventual é o modo como os TRECHEIROS se apropriam deste que seria uma forma de sedentarização, produzindo nele uma inversão. Ao invés de elo de fixação o que ocorre é que o trabalho se torna um modo de se manter em movimento porque através dele se obtêm recursos suficientes para a subsistência na estrada por um determinado período. Ele será abandonado, mesmo que sejam condições relativamente boas de trabalho, sempre que começa a esboçar-se uma "cristalização" do elo que se assemelha a uma relação continuada e

indefinida a exigir-lhe a permanência num mesmo lugar.

Sendo o trabalho atributo socialmente valorizado pode ser convertido em argumento que empresta certa confiabilidade diante daqueles de quem se quer obter algo. Pequena astúcia que se apropria de um código moralmente estabelecido, tornando-o uma cena no teatro do cotidiano.

Mesmo se consideramos as condições objetivas do mercado de trabalho e o contingente de mão-de-obra estruturalmente excluído e acumulado nas bordas do sistema produtivo, não poderíamos reduzir a existência de TRECHEIROS e PARDAIS a tal quadro, sob pena de não podermos explicar a continuidade na errância daqueles que tiveram a possibilidade de fixar-se através de alguma oportunidade de trabalho. Antes, um conjunto mais complexo de elementos soma-se ao fator material, cuja função seria a de fornecer as condições, por assim dizer, para a fuga marginal e de servir de pretexto para permanecer nela. Há, sobretudo, a recusa em enredar-se nas malhas de uma vida social hierarquizada e na divisão social do trabalho, cumprindo nelas as ocupações inferiores e pior remuneradas.

Outra tática bem sucedida é o pedido ou **manguio**<sup>4</sup>, que revela por trás de suas técnicas, uma compreensão articulada dos códigos capazes de sensibilizar o doador. Também chamado **acharque**, ou ainda de **um-sete-um**<sup>5</sup>, consiste em contar uma história de cunho dramático ou de enfatizar a situação de sofrimento pela qual está passando, onde o elemento principal é a verbalização. O **agá**<sup>6</sup>, diferentemente, envolve normalmente uma teatralização, um engodo dramatizado, quando a história tem função secundária ou até mesmo é dispensada.

É possível considerar tais táticas como verdadeiros instrumentos de "trabalho", se por eles se entende as técnicas usadas para a subsistência e exploração dos recursos disponíveis no ambiente. Esta atividade não se encerra, no entanto, em seus fins práticos de sobrevivência, mas tem também um caráter simbólico ou expressivo por constituir um exercício de poder, onde se põe alguma possibilidade de sair-se vitorioso no jogo social onde normalmente estariam em desvantagem.

Por mais paradoxal que pareça, a pobreza ou a falta de recursos materiais acumulados não impede a organização de sistemas de comércio. O que está em jogo nessas transações não é a acumulação dos bens, mas a formação de redes de solidariedade que garantam a circulação dos objetos necessários à sobrevivência, onde o sujeito receberá também sua parte quando precisar em razão da reciprocidade. Tal relação de mutualidade é sempre provisória e dependente de uma série de fatores, alguns bastante circunstanciais, mas promove um *alargamento do espaço social na dimensão (...) dos circuitos de troca aos quais eles estão ligados*. (Condominas, 1977: 24).

Os sistemas de trocas materiais entre os andarilhos e entre eles e outros grupos com quem têm contato, permite o estabelecimento de alianças através da circulação de bens e da prestação de favores, mesmo que tais alianças tenham caráter extremamente lábil.

Os discursos afirmam a fraternidade e o compartilhamento das poucas posses, como as roupas, objeto extremamente significativo que aparece muitas vezes como índice de desprendimento absoluto e de amizade, sintetizados numa fórmula comum de ouvir nas ruas: "dou a ele a roupa que trago no corpo". Como expressão simbólica, esta disposição em abrir mão da última propriedade restante - as roupas que usa, permanecendo apenas com aquilo que lhe é irredutível, o próprio corpo - demonstra o arrebatamento com que os sujeitos se engajam em suas redes de relações, embalados por uma ideologia da vida igualitária. A ajuda mútua, a desistência de heranças, a dilapidação de reservas de dinheiro ou objetos mais valiosos em favores aos companheiros, festas e cachaçadas, vêm reforçar uma vantagem compensatória na sua condição de existência: a igualdade, oposta ao mundo hierarquizado e competitivo dos que "têm". Mas a racionalidade e o pragmatismo deste sistema podem ser quebrados a qualquer momento. De uma hora para outra pode-se esquecer o compromisso firmado, roubar a quem o ajudou, abandonar o companheiro em momento de perigo, trair sem remorsos. Lembranças amargas da vida no trecho, das quais todo TRECHEIRO ou

PARDAL pode contar algum episódio.

Dadas as dificuldades de armazenamento e transporte dos pertences e a precariedade de sua posse, tudo o que excede a capacidade de consumo ou de garantia da propriedade, ou ainda, que contenha maior valor de troca e com ele se possa ganhar algum dinheiro, pode tornar-se "mercadoria" e é posto rapidamente em circulação: roupas, calçados, comida, bebida, drogas, cobertores, objetos de adorno. Alguns obtidos através da doação, outros por furto e outros ainda encontrados no lixo, mas de pouco valor, servem geralmente para as trocas internas ao grupo, enquanto os de maior valor alimentam os negócios com pessoas de fora dele (artesãos, pequenos comerciantes, outros grupos marginais etc).

De fato, a posse de muitos objetos se transforma, sobretudo, em uma carga excessiva para transportar, dificultando a mobilidade. A quantidade ideal de objetos para transportar é aquela que cabe no galo<sup>7</sup>. Por outro lado, é a própria manutenção da mobilidade que garante aos andarilhos a obtenção dos recursos. É em favor do movimento, portanto, que o acúmulo de objetos torna-se indesejável. Somado a isto está a facilidade de granjear os itens relacionados à subsistência (comida e água) e a reposição de outros (roupas, calçados, cobertores etc.). Tem-se assim uma certa "segurança" quanto à satisfação das necessidades fundamentais. O trecho pode ser, então, visto como lugar de abundância ao qual recorrem os que não têm garantias de sobrevivência em seu lugar de origem. Há também períodos de maior dificuldade, mas estes estão condicionados a momentos em que as condições climáticas são desfavoráveis, como o inverno ou períodos de chuva que impedem o deslocamento, ou ainda a passagem por locais desertos, sem habitações ou estabelecimentos comerciais.

## UMA GUERRA SEM FIM

Marcadamente anti-hierárquica, a dinâmica das relações entre os andarilhos parece estar a todo momento zombando da autoridade, destituindo-a pelo confronto violento, pela ridicularização ou pelo engodo, num esforço contínuo de sabotagem das intromissões estruturantes do Estado.

Verdadeira *máquina de guerra*, TRECHEIROS e PARDAIS conformam em suas relações uma *sociedade contra o Estado*, organizando táticas para fazer frente a este poder encompassador.

Obviamente tal padrão relacional não suprime o estrutural, mas mantém com ele relações que estão por ser melhor discriminadas, imprimindo um ritmo contraditório e fragmentário ao conjunto destas relações. De qualquer modo, a dinâmica estabelecida nelas demonstra um constante levante contra a possibilidade de instauração definitiva de uma chefia que se desdobre em hierarquização. Manter-se em guerra é uma maneira de abjurar esta formação normativa, um *mecanismo coletivo de inibição que mantém a dispersão e a segmentaridade dos grupos* e impede a *instauração de poderes estáveis em benefício de um tecido de relações imanescentes* - um modo "mundano" de estruturar as relações com os pares nos bandos, onde se procede *por difusão de prestígio mais do que por referência a centros de poder* (Deleuze e Guattari, 1988: 365). A este aspecto "político" soma-se a "estrutura econômica" que preconiza a circulação dos bens, impedindo a acumulação material e, em consequência, de poder.

As relações cotidianas entre os PARDAIS não é menos tensa do que entre os TRECHEIROS. Mediada pelo álcool, elemento de sociabilidade privilegiado em torno do qual quase tudo acontece no seu dia-a-dia, tais relações incorporam a cadência bipolar própria dos estados etílicos. Manifestações incontidas a extremadas de afeto e ódio imprimem uma teatralidade nos encontros pelas ruas.

## O GORÓ<sup>8</sup>

Sempre presente, o álcool é elemento principal nas relações e em torno dele muitas atividades cotidianas são organizadas. A tarefa do *mangucio* tem por objetivo primordial obter dinheiro para comprar bebida, uma vez que a comida é conseguida sem gastos. A dependência manifestada pela maioria dos andarilhos impele os sujeitos a uma busca contínua pelo álcool a fim de inibir os sintomas de abstinência que, em sua forma mais exuberante, estão representados pelos "ataques" ou convulsões. Não poderia esquecer o envolvimento

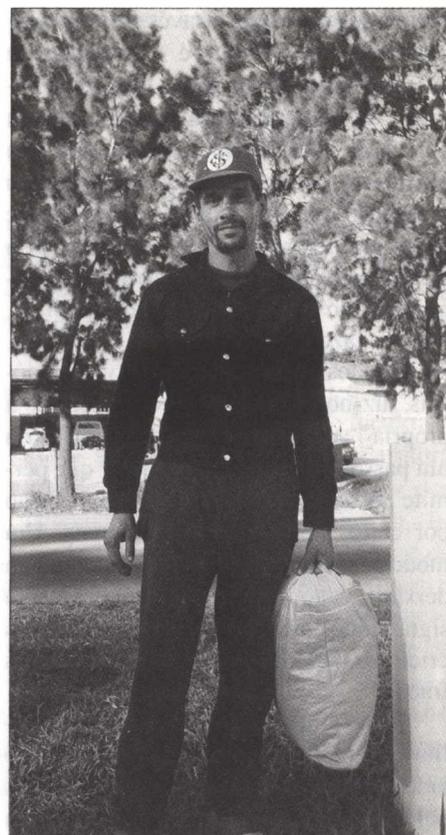


Foto: Felipe Faria Brognoli

constante do álcool como fator "causal" apontado pelos entrevistados, dada sua capacidade de provocar rupturas nas relações familiares ou dificultar a permanência prolongada nos empregos. É ele também quem determina muitas das caminhadas pelas ruas da cidade em busca de um local onde se possa conseguir bebida por um preço mais barato - o que por vezes mobiliza uma rede de informações para que se o localize bem como para o seu consumo.

A necessidade do álcool não se reduz, no entanto, às exigências postas pela dependência, mas se amplia como suporte da vida cotidiana desenrolada em público - redução da inibição -, como máscara para o desempenho dos papéis (no *acharque* por exemplo); como "anestésico" das condições duras da vida na rua - o frio, a fome e as lembranças ruins - e como reforçador dos laços interpessoais, sempre flutuantes e que, por sua vez, refletem a dinâmica ciclótica dos efeitos da bebida.

## AS AGÊNCIAS NORMATIVAS

Os TRECHEIROS, como de resto aque-

les que representam a transgressão de certos códigos que demarcam comportamentos julgados aceitáveis, podem ser apreendidos segundo o signo da alteridade. Por representarem o Outro, a relação que com eles se estabelece deve procurar exercer controle e instituir barreiras contra o "perigo potencial" que representam. Daí a necessidade de marcá-los com uma identidade passível de ser incluída em fórmulas homogeneizadoras, utilizadas tanto pelo senso-comum, quanto pelas agências responsáveis pelo seu atendimento (assistência social, serviço de saúde, polícia etc.). As políticas sociais destinadas a estas populações têm dupla tarefa. Por um lado, devem prestar assistência à sua clientela, esforçando-se por reduzir-lhe o sofrimento, ao mesmo tempo que criam a necessidade de sua própria existência, prestando serviços que só elas podem fornecer (institucionalização do dom). Por outro lado, atuam repressivamente, tentando disciplinarizar a clientela. Em ambos os casos a ação repousa sobre uma noção de (re)integração da pessoa através de seu "tratamento" e supõe que as pessoas que assistem aspiram a um mesmo estilo de vida e têm as mesmas necessidades.

Entretanto, TRECHEIROS e PARDAIS não são presa fácil para as armadilhas institucionais. Com elas travam um combate sutil que, por vezes, assume as feições de uma aceitação dócil da disciplinarização travestida em caridade para, em seguida, zombar com estardalhaço dela.

Indesejáveis nas cidades por onde passam, as prefeituras têm mantido a prática de facilitar aos TRECHEIROS a manutenção de seu deslocamento através da concessão de passagens ferroviárias ou rodoviárias, ou ainda, de algum tipo de auxílio em dinheiro, seja pela atuação formal do Serviço Social, seja pela doação direta de prefeitos, políticos ou pessoas ligadas ao poder público. Há circunstâncias em que tais práticas são vantajosas aos TRECHEIROS, pois lhes permite manter-se em movimento quando desejado.

A polícia é outra instituição com quem TRECHEIROS e PARDAIS relacionam-se frequentemente, sendo que ela ocupa nesta relação um papel duplo: ora como elemento de repressão e vigilância sobre as populações nômades, ora como elemento

de auxílio e proteção. A polícia também desempenha importante papel na mobilidade dos andarilhos em sua função repressiva ao ameaçá-los de prisão por vadiagem ou suspeita, ou mesmo quando exercem a força para expulsá-los das cidades ou de certos locais onde sua presença não pode ser tolerada. Ao mesmo tempo e sob certas circunstâncias, ela pode integrar a "rede de apoio" ao deslocamento dos andarilhos.

O trecho pode significar também a possibilidade de escapar de circuitos marginais organizados mais violentos, nos quais a própria polícia é parte integrante, seja na cumplicidade da corrupção, seja nas ações repressivas e de "combate ao crime". Circuitos nos quais os integrantes das camadas mais empobrecidas podem ver-se envolvidos mesmo contra sua vontade, dada a fórmula corrente em nossa sociedade que funde, quase automaticamente, o pobre ao bandido.

As ações normativas do Estado podem dar-se também através de organizações e estabelecimentos de assistência. No caminho do TRECHEIRO aparece sempre um destes estabelecimentos: hospitais, albergues, centros de tratamento etc. Seus percursos passam por dentro deles e TRECHEIROS e PARDAIS demonstram poder recriar neles seu jogo de subversão ao impregná-las com significados que lhes são estranhos e fazendo-lhes um uso peculiar. Sempre em movimento próprio, não se deixam apreender nas malhas institucionais, mesmo quando não é este o objetivo declarado, recusando-se a serem "movimentados" pelo ritmo alheio. Permanecem nelas o tempo justo, ou quase, até que "algo" os "chama" de volta para o trecho.

De um modo geral, as instituições por onde passam TRECHEIROS e PARDAIS, configuram estágios intermediários em seu deslocamento. Provendo recursos e oportunidades, servem aos viajantes como modo de suporte da mobilidade, preparando-os para novos percursos. Ao mesmo tempo, produzem sua clientela e são produzidas por ela, numa aliança contínua mas efervescente de conflitos.

As astúcias da vida no trecho exigem dos caminhantes um constante jogo com as regras morais que conhecem e das quais compartilham, sem dúvida, enquanto, com a outra mão, articulam um modo de vida

divergente delas. Ambiguidades que marcam não apenas os andarilhos, como também outros segmentos da marginalia.

Composição multifacetada, caleidoscópica, com vértices pontiagudos que nos incitam e incomodam, as astúcias da vida no trecho apenas deixam entrever uma parte do universo fragmentado que se desprende dos caminhos trilhados pelos andarilhos. Este trabalho recolheu alguns destes trechos, procurando não lhes desbastar as pontas.

\*Felipe Faria Brognoli é mestre em Antropologia Social/UFSC e graduado em Psicologia.

## NOTAS

- 1- Este artigo tem por base pesquisa realizada pelo autor no período de janeiro a agosto de 1994, compreendendo três etapas: a primeira nas ruas e praças do centro de Florianópolis; a segunda, ao longo da BR 101 em bares, restaurantes e postos de gasolina, locais de parada dos trecheiros, entre os municípios de Palhoça e Biguaçu, ao sul e ao norte de Florianópolis, respectivamente. Por fim, a terceira etapa foi realizada na Fundação Rural de Educação e Integração em Curitiba, instituição ligada à Prefeitura Municipal daquela capital, que dá assistência à população de rua.
- 2- Trecheiros são andarilhos que não restringem seus percursos, antes, percorrem todo o país e alguns países vizinhos sem planejá-los e sem deter-se por muito tempo em nenhum lugar. Já os pardais percorrem trajetos mais restritos, mantendo-se nos limites de uma cidade ou entre cidades vizinhas. Chamam-se pardais porque, como estas aves, não se distanciam muito de seus ninhos.
- 3- Pedir dinheiro contando uma história. O dicionário Aurélio registra o verbo *achaque*, podendo tratar-se, suponho, de uma corruptela.
- 4- O mesmo que acharque.
- 5- História contada para obter algo. Refere-se ao artigo do Código Penal relativo ao crime de estelionato.
- 6- Cena representada para obter auxílio ou dinheiro.
- 7- Mochila que o trecheiro carrega.
- 8- Bebida alcoólica, cachaça.

## BIBLIOGRAFIA

- CLASTRES, Pierre  
(1988) *A Sociedade Contra o Estado*: pesquisas de Antropologia Política. 4a. edição, Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- CONDOMINAS, Georges  
(1977) "Pour une définition anthropologique du concept d'espace social". *ASEMI*, VIII, 2.
- DE CERTEAU, Michel  
(1994) *A invenção do Cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Vozes.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix  
(1988) *Mil Mesetas: capitalismo e esquizofrenia*. Valencia, Pre-textos.
- STOFFELS, Marie-Ghislaine  
(1977) "Os Mendigos na Cidade de São Paulo" *Estudos Brasileiros*, v.2. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- ZALUAR, Alba  
(1994) *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*, 2a.edição. São Paulo, Brasiliense.

# HABITANTES DE RUA

## UM CASO DE NOMADISMO URBANO

Claudia Turra Magni\*

**A** idéia vigente de que a população que vive na rua é migrante, oriunda da zona rural ou de cidades do interior, buscando adaptar-se ao meio urbano, não é de todo desprovida de razão. No entanto, limita o assunto à temática do êxodo e ainda oculta uma questão mais importante: embora haja algumas exceções, o sujeito que passa a viver na rua tem que *se deslocar constantemente* por pressão ou conveniência, de modo a se adaptar às condições sócio-ecológicas do meio urbano.

Excluída de um mercado de trabalho rentável, freqüentemente sem vínculo ou apoio familiar, induzida a optar por morar em aglomerados subhabitacionais ou a viver na rua, esta população acaba por fazer da *mobilidade*, não apenas um período transitório, como ocorre com a migração, mas *uma forma de vida*, mantida ao longo dos anos e através das gerações.

O termo *trecheiro*, utilizado por muitos moradores de rua para se autodesignarem, é bastante sugestivo: refere-se àquele que vive no "trecho", parando nos caminhos e se deslocando com muita freqüência. No constante recomeço, em que quase nada é estável ou permanente, a fragilidade de seus vínculos com o trabalho, a família, a moradia, revelam uma vida marcada pela fragmentação.

A noção de *nomadismo*, usada com fins analíticos, confere um corpo teórico ao modo de vida deste segmento social, e representa uma forma de resgatar a lógica própria que caracteriza as suas condições de vida. Segundo Sahlins, (1977), a existência nômade não possui um protótipo genérico devido às riquezas empíricas com que se apresenta, com seus problemas de vida próprios e suas circunstâncias de meio

ambiente. A cidade moderna, portanto, pode ser entendida como um tipo ecológico especial da vida nômade, mesmo que ela se configure, neste meio, de forma aberrante, pois a estrutura e a ordem social das cidades e da própria civilização, têm as bases de seu desenvolvimento fundadas no sedentarismo.

### DIÁRIO REVISITADO

Para escrever este artigo, em vez de reportar-me ao conjunto de meus dados empíricos<sup>1</sup>, optei por retomar meu diário de campo, do qual extraí fragmentos sobre uma tarde de inverno de 1992. Eu já havia feito observações gerais em toda a cidade e estava na segunda etapa da pesquisa, quando escolhi quatro grupos para aprofundar o estudo, cada um dos quais acampava em uma das elevadas de um complexo de vias existente na entrada da cidade de Porto Alegre, próximo à Estação Rodoviária.

Eu jamais poderia lembrar-me, com tantos detalhes, daquela ocasião em que tive o primeiro encontro com o segundo destes grupos, não fosse o diário de campo. Isso faz-me acreditar que o valor maior deste tipo de documento surge quando, mais do que dados etnográficos, ele traz informações históricas, que tal como foram descritas, não existem mais.

#### Diário de Campo Fragmento 1

26 de agosto de 1992. Quarta-feira à tarde.

*"Passando por aqui outro dia vi três*

*homens e duas mulheres bebendo cachaça de baixo da elevada. Diante da euforia, resolvi não me aproximar. Hoje, quando desci do ônibus na parada da estação rodoviária, olhei de longe e o grupo estava menor e mais calmo.*

*Na calçada onde eu estava, obstáculos de ferro tentam desestimular o transeunte de cruzar as vias supermovimentadas, devendo utilizar, para isso, as passarelas aérea ou subterrânea, que conduzem ao outro lado da calçada. Mas eu precisava chegar no canteiro central, sobre o qual declina a elevada que o grupo utiliza de abrigo. Demorei para atravessar a rua. Chegando lá, apresentei-me às duas mulheres e ao homem, estendendo-lhes a mão e me agachando onde estavam. Em volta de um fogo de chão quase apagado, duas mulheres e um homem estavam sentados em caixotes. No chão, sobre um cobertor, dormia uma menina de uns três anos, enquanto outra, de uns nove, alternava brincadeiras com idas até a sinaleira, onde pedia dinheiro.*

*Expliquei que estava interessada em conhecer como vivem as pessoas que moram na rua e eles demonstraram simpatia e disposição em me ajudar.*

*Apesar da proibição da municipalidade, ocupam esta elevada há mais ou menos oito meses. Mas foram capazes de referir vários outros lugares públicos onde já acamparam ou pernoitaram: na "Água Verde" (Viaduto situado no Largo dos Açorianos, onde há um espelho d'água), na Praça 15 de Setembro, no Parque Marinha do Brasil, etc. "Em qualquer lugar, onde tiver uma aba (marquise), dá pra dormir", disse-me Alexandre. Para combater o frio, o jeito é dormir juntos e tomar cachaça.*

## ACERCA DO ESPAÇO NÔMADE EM UM MEIO SEDENTÁRIO<sup>2</sup>

Os fluxos e trânsitos da cidade moderna são tão intensos, que, paradoxalmente, promovem uma ilha de isolamento em determinados locais. É o caso da elevada que nos atém. Situada em um canteiro central de vias movimentadas, ela tornou-se um espaço atrativo para a ocupação de grupos que, não tendo uma casa, buscam ao menos um abrigo, um "acampamento" no meio urbano (embora o termo pareça impreciso, já que significa "instalar em campo"). O espaço público, portanto, é subvertido para finalidades domésticas, onde realizam as atividades cotidianas mais frugais como dormir, cozinhar, excretar, higienizar-se, etc.

Como centro significativo do acampamento está a fogueira, na qual o alimento é preparado. Caixotes em torno dela dão ao local a conotação de "sala", onde as pessoas se reúnem para conversar, beber, confraternizar e se aquecer.

Ao infringir as fronteiras entre casa e rua, o nômade urbano viola as regras básicas de privacidade que foram gestadas historicamente no seio da burguesia. Mas além da questão público/privado, o episódio descrito traz à tona outras implicações espaciais. Ao diminuir o tempo de percurso pelo território, os viadutos e elevadas representam uma forma de domesticação do espaço e do tempo citadinos, o que só é possível diante do desenvolvimento técnico. No entanto, ociosa, a parte de baixo desta via de concreto, acaba se adequando à territorialização de grupos nômades, que, freqüentemente, fogem ao controle do Estado, porque resistem à desterritorialização, reterritorializando aqueles espaços, sempre que são deles expulsos. Agentes da polícia, da limpeza urbana, da fiscalização de áreas de risco, da assistência social, dentre outros, tentam, constantemente, retirar daqueles locais, os grupos que divergem da forma sedentária de viver.

Percebe-se, enfim, que o modo de inserção espacial da população de rua confronta o padrão sedentário vigente no meio urbano, na medida em que este segmento da sociedade vive e se multiplica, enga-

nando a disciplina do planejamento citadino de cujas vantagens está excluído. Desta luta contínua de dominação e insubordinação, surgem formas particulares de apropriação e vivência cotidiana da cidade.

### Diário de Campo Fragmento 2

*"Entre Neca, de 27 anos, Laci, de 25, e Alexandre, de 18, não existem vínculos familiares. Quem exatamente ou quantos 'moram' no local, não consegui descobrir, pois nem eles souberam dizer ao certo. Laci me contou que algumas crianças costumam chegar ali para dormir ou pedir comida.*

*Neca é a mãe das duas crianças. Com certo brio, disse que nasceu, viveu e está criando seus filhos debaixo da ponte. E, tentando legitimar a sua condição, afirmou que "O importante é gostar de onde a gente está. Não adianta tá num lugar muito bem, com conforto e não gostar de lá. Eu gosto daqui!". Segundo ela, poderia estar na casa de sua mãe (que hoje não vive mais na rua), onde tem um quatinho só pra ela, com armário e roupas dentro. Mas o problema é que não gosta de ficar na casa dos outros porque eles logo querem mandar nela, e isso ela não aceita. Se eu quisesse mesmo ajudá-la, seria conseguindo-lhe uma casa - mas que fosse só dela!*

*(A certa altura, depois de me falar bastante sobre suas crianças), Neca narrou como deu à luz seu segundo filho. Ela estava na Praça 15, tomando cachaça com outras pessoas, quando sentiu que iria parir. Então botou um cobertor por cima, tirou as calças e colocou a mão no meio das pernas. Dali um pouco, sentiu a cabecinha da criança e começou a tentar puxá-la. Sabia, pela sua mãe, que deveria cortar o cordão na distância de um palmo do nenê, mas quando acordou, já estava no Hospital, recebendo soro".*

## SOBRE A FORMAÇÃO DE BANDO<sup>3</sup> E A SOCIALIZAÇÃO NA RUA

Acompanhando o cotidiano de alguns grupos, é freqüentemente impossível saber ao certo quantos e quais são os seus membros. Além dos que vivem permanentemente na rua e ocupam o acampamento durante o dia, há os que só aparecem à noite, para dormir, e existem também aqueles que moram em vilas ou outros pontos da cidade, e que estão no acampamento apenas de visita - a qual, aliás, pode se prolongar indefinidamente. A mãe de Neca, que já vivia em uma casa na periferia, freqüentemente visitava sua filha e netos, nesta elevada. Da mesma forma, ela também era visitada por eles, tendo, inclusive um quatinho para recebê-los. Para Neca, no entanto, a busca de autonomia parece mais forte do que a expectativa de *estar* em uma casa - o que é diferente, no seu entender, de *ter* uma casa.

A inconstância destes agrupamentos, em que os membros se juntam e se separam com facilidade, caracteriza uma formação de bando, que reforça assim a idéia de *nomadismo* a que nos atemos.

Dentre estes bandos é possível identificar variações significativas, segundo a predominância de seus componentes: crianças e adolescentes, adultos, famílias (com predominância do núcleo mãe/filhos), os quais, não deixam, por vezes, de se misturar. A tendência ao isolamento, aparece, por outro lado, dentre casais idosos e alguns indivíduos, muitos dos quais sofrem forte estigmatização dos próprios grupos da rua, acusados de doença mental.

A extrema fluidez que caracteriza a composição da maioria dos agrupamentos está diretamente relacionada com a intensa mobilidade na vida destes sujeitos. Alguns grupos formam-se, aumentam de tamanho, desmembram-se e desaparecem para se recomparam com novos sujeitos mais adiante, em outro local.

Ao não se fixar às moradias que improvvisa - o que não é necessariamente voluntário - a população que habita na rua não cria uma relação estável e de propriedade com o que a história da vida privada convencionou chamar de 'lar'. Praticamente não há onde exercer a privacidade; inexistente a propriedade que resguarda e preserva a família e os bens materiais. Evidencia-se, portanto, uma outra noção de moradia, mais flexível e transitória do

que aquela acalentada pelo cidadão sedentário.

Embora a maioria ingresse no mundo da rua depois de viver em uma casa (ou o que quer que se pareça com isso), adaptando-se, assim, a uma segunda socialização, em que aprende todo um sistema de significados próprios desta forma de vida, alguns já nascem na rua. É o caso da família de Neca, cuja experiência de rua se estende há três gerações. Neca parece orgulhar-se de estar preparando os filhos para enfrentarem esta realidade, transmitindo para eles, já em uma primeira socialização, uma série de regras, práticas, estratégias e códigos, necessários à vida na rua. É assim que sua filha faz hoje o que ela própria fazia para sua mãe quando pequena: pede dinheiro nas sinaleiras e o entrega à mãe, que a observa de longe.

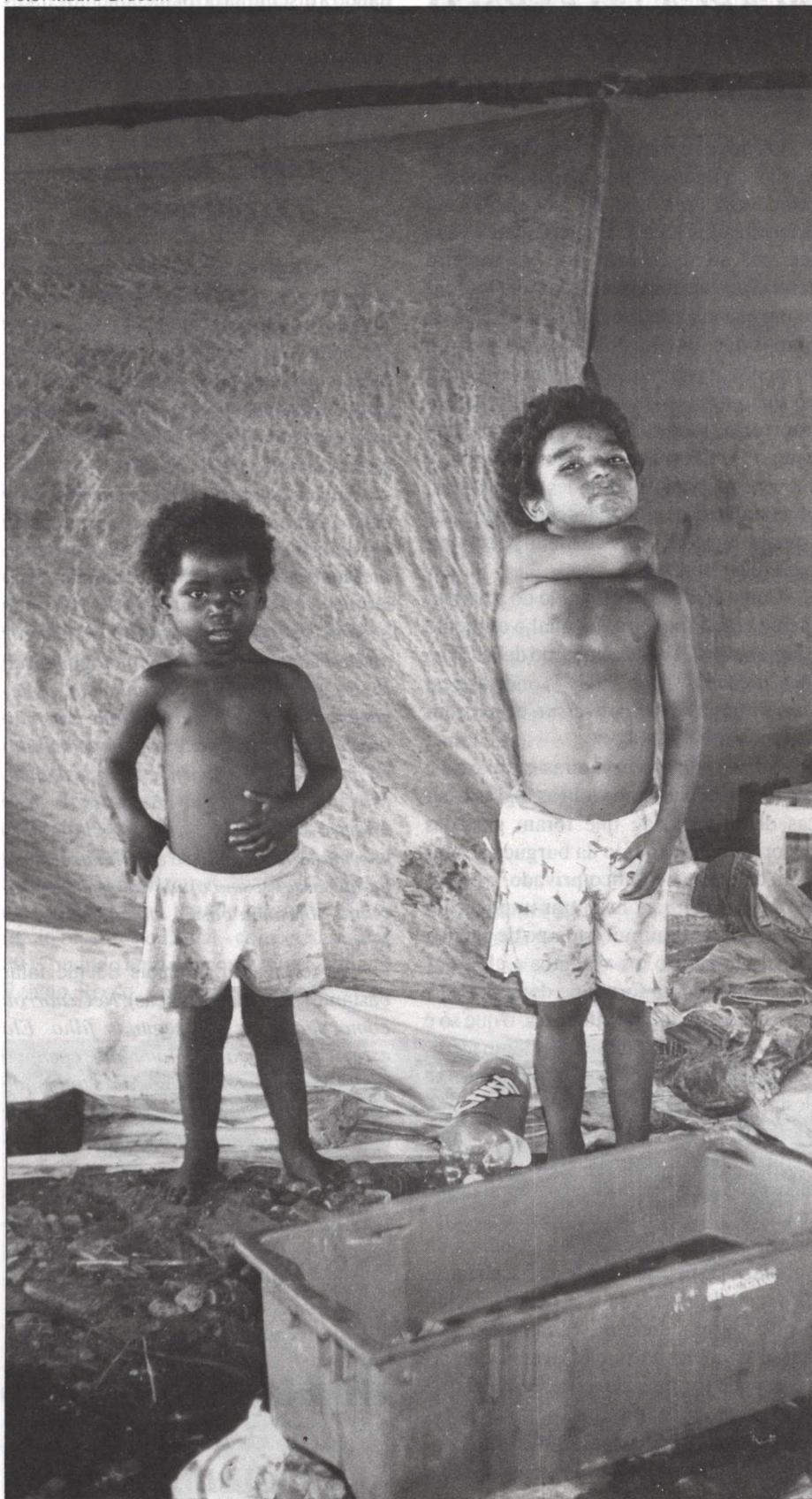
### Diário de Campo Fragmento 3

*“Vendo que havia um resto de comida dentro da lata reutilizada que estava sobre o fogo de chão quase apagado, perguntei de onde vinha o alimento que preparavam. ‘Às vezes tem um tomate, uma cebola, uma fruta estragada numa parte e botaram ela fora. Ela não tá estragada! Se tu tirar fora aquela parte, dá pra ti comer ela!’”, respondeu-me Laci. Alexandre acrescentou que também juntam dos lixos da rodoviária, do outro lado da rua: ‘Às vezes o cara vai numa lancheria dessas, olha e quer comer um bauru lá. Mas ele come uns pedaços e já bota fora. É porque ele foi comprar só de ‘olho’, ele não tava com fome! Então a gente vai ali e mexe no lixo. As pessoas olham e dizem: ‘Olha aí, aquele cara mexendo no lixo!’ Mas não tá ruim, tá bom!’”. No ‘lixão’ (container da limpeza pública), próximo dali, na Av. Farrapos, também encontram muitas coisas que podem usar.*

*O material reciclável que encontram pelas ruas do Centro, também pode ser vendido nos vários depósitos localizados na Rua Voluntários da Pátria, há poucas quadras, embora não façam isso profissionalmente como outros papeleiros.*

*Existem pessoas que também deixam coisas para eles ali mesmo; ou então eles próprios pedem nas casas e nas institui-*

Foto: Mauro Bruschi



Acampamento nômade sob a Via Elevada da Conceição, em Porto Alegre - 1994. (Trata-se de grupo deferente do descrito pelo diário de campo aqui apresentado).

ções, onde ganham sopa, cobertor, roupas...”

## ACERCA DA SOBREVIVÊNCIA DO MORADOR DE RUA

Mais do que local de moradia e sociabilidade, o espaço público apresenta-se, para os moradores de rua, como ambiente ecológico no qual buscam prover a sua subsistência cotidiana. Os lixos opulentos da sociedade sedentária, aparecem, assim, como fontes de coleta de alimentos e de objetos que, ora são usados diretamente pelos coletores, ora são revendidos, num biscate desvalorizado, mas que beneficia a empresa e o comércio da reciclagem.

Além da coleta, a sobrevivência destes grupos depende da caridade de indivíduos e instituições (religiosas e leigas), a que têm acesso muito mais facilmente nas ruas centrais do que nas vilas da periferia. No Centro, a pobreza está à mostra e incomoda a consciência dos cidadãos privilegiados, que se mobilizam para auxiliar os despossuídos.

O furto, o assalto e suas variações, aparecem por fim, como estratégia utilizada por alguns indivíduos e, embora sem querer aprofundar a questão, Neca disse-me que seu companheiro e o de Laci, estavam na prisão. As analogias possíveis: uso de arma, espreita, estratégias de ataque, narração do feito e da fuga ao grupo, prestígio diante do mesmo, etc.

Vê-se, portanto, que mais do que meramente um local de passagem, como é para os habitantes sedentários, a rua é para os nômades urbanos um elemento vital e inevitável de sobreviver. Apesar da ação de exterminadores, da repressão em geral, dos rigores climáticos, dos conflitos internos, da precariedade de higiene e saneamento, dentre inúmeras outras adversidades a que esta população está sujeita, a rua acaba se mostrando para ela como uma opção possível, dentre ínfimas alternativas, que, aos seus olhos, seriam piores: morar em barracos bem mais frágeis do que o teto de concreto da elevada, situados em uma periferia carente de infra-estrutura e serviços urbanos, tendo, para isso, que

pagar aluguel, taxas e impostos e ainda estando distante dos fartos recursos reaproveitáveis desperdiçados por uma sociedade opulenta, fundamentada na desigualdade social e cujas crises que enfrenta, devem-se, em geral à superprodução.

### Diário de Campo Fragmento 4

*“Perguntei sobre os vários desenhos existentes no viaduto. Alexandre respondeu-me que a maior parte já estava lá quando eles chegaram e outros eles próprios haviam feito. O seu era aquele que tinha parte de um rato desenhado, com a frase: “eu sou um rato sem bueiro”. Perguntei como tinha “saído” aquilo. Ele disse-me que estava meio alto de cachaça e começou a pensar na vida. Dai pegou um carvão pra se “expressar” naquela elevada de concreto. Começou a desenhar o personagem Pateta. Mas daí viu que havia feito um rato. Pensou sobre aquilo e percebeu que ele próprio era um rato - um rato sem bueiro - afinal ele não tinha casa mesmo. Vivia por ali, pelos bueiros e buracos da cidade”.*

## GRAFISMOS EM ABRIGOS URBANOS

Como se percebe, as baixadas e galerias das vias de concreto que canalizam os fluxos da sociedade sedentária, são mais do que espaços de habitação para quem vive na rua. Ocupadas e subvertidas de sua finalidade urbanística, elas tornam-se verdadeiros territórios de indivíduos e bandos nômades, que aí convivem e compartilham momentos de dor e prazer, movimento e instabilidade. As expressões gráficas que eles imprimem nestas estruturas são mais uma forma, mesmo que inconsciente, de territorializar estes espaços.

Inebriado pelo álcool, Alexandre tenta reproduzir com carvão um conhecido personagem da cultura de massa (a que ele, certamente tem acesso, porque interage no conjunto cultural da sociedade), mas no momento do fazer artístico, reconhece a si mesmo nas formas de um rato, animal com quem compartilha a sua existência, embaixo e dentro das estruturas modernas da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversamente dos migrantes, que se deslocam para um destino mais ou menos definido, os nômades não se fixam em domicílio e acabam fazendo da mobilidade um modo de vida. Apesar da diferença entre os dois, eles até podem misturar-se de muitas maneiras, ou formar um conjunto comum; mas, ao contrário da migração, o nomadismo representa um problema para as sociedades estabelecidas, pois implica em todo um segmento social flutuante, que foge ao controle do Estado, produto e suporte da sociedade sedentária.

\* *Claudia Turra Magni é mestre em Antropologia Social e graduada em História pela UFRGS.*

### NOTAS

1 - Estes dados, colhidos para minha dissertação de mestrado em Antropologia Social (vide bibliografia) é formado, basicamente, por um diário de campo de 600 páginas, uma documentação fotográfica com 400 fotos e um registro videográfico com 22 horas de gravação, o qual foi editado no vídeo “Habitantes da Rua”, co-dirigido por Nuno Godolphin e pela autora deste artigo.

2 - Desde a data deste diário de campo até hoje, ocorreram muitas transformações no controle da municipalidade sobre logradouros como este, acima descrito, considerados áreas de risco. A prefeitura de Porto Alegre tem adotado estratégias disciplinares como cercamento, ajardinamento, gradeamento, aterro, instalação de prédios, etc. para proibir a sua ocupação, embora muitos grupos tenham mostrado resistência e reincidência na territorialização destes locais. Interessa, mesmo assim, considerar a questão dentro de uma perspectiva histórica.

3 - A noção de “bando”, aqui, não tem qualquer relação com banditismo, mas se refere ao tipo de estrutura grupal comumente encontrado nas sociedades nômades.

### BIBLIOGRAFIA

- GUATTARI, Felix; DELEUZE, Gilles  
(1980) *Milles Plateaux: Capitalisme et Esquizofrenie*. Paris, Les Editions de Minuit.
- LEROI-GOURHAN  
(s/d) “O Gesto e a palavra”. *Memória e Ritmos*. Vol. 2, Lisboa, edições 70.
- MAGNI, Claudia Turra  
(1994) *Nomadismo urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, UFRGS.
- SAHLINS, Marshal  
(1977) *Economia da Idade da Pedra*. Madrid, Akal.
- STOFFELS, Marie-Ghislainne  
(1977) *Os mendigos na cidade de São Paulo*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- VIEIRA, M. Antonieta da C. (org.)  
(1992) *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo, Hucitec.



### OS CIGANOS NO BRASIL E CANCIONEIRO DOS CIGANOS

*Mello Moraes Filho*

Ed. EDUSP, Belo Horizonte, 1981, 78p.

Trata-se de dois livros publicados originalmente no século passado e que procuram resgatar, seja a história dos ciganos no Brasil, seja a sua arte musical e poética. "Os Ciganos no Brasil" constitui a parte crítica da obra que se acha dividida em quatro partes: Atualidades e Tradições; Trovas Ciganas; Novo Cancioneiro e Vocabulário. O Cancioneiro é uma posição de quadras divididas em três séries: líricas, elegíacas e funerárias. Estes estudos, já clássicos, ajudam a compreender a presença desses povos nômades no Brasil.

### CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DA CIGANOLOGIA NO BRASIL

*Atico Vilas Boas da Mota*

In: *Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Nº X, Goiânia, 1982.*

Este estudo tentou reunir todas as informações, pesquisas, documentos disponíveis no Brasil sobre a ciganologia, numa síntese histórica que se pretende a mais completa e ampla neste domínio. Entre os estudiosos dos temas dos ciganos encontram-se Mello Moraes Filho, Oliveira China, João Dornas Filho e Arthur Ramos. Em anexo encontra-se uma cronologia dos estudos em ciganologia no Brasil, com exceção de teses e monografias universitárias.

### OS CIGANOS E O CIRCO NO BRASIL

*Rosana Fernandes e Heloísa Pires Lima*

São Paulo, 1994, 21p. (mimeo)

Trata-se de relatório de pesquisa, elaborado no quadro de um curso de graduação desenvolvido na USP - A Pesquisa Antropológica no Contexto Urbano -. Partindo da observação da vinculação existente entre os ciganos e a atividade circense, as autoras procuram refletir sobre a questão da identidade étnica.

### NOMADES ET NOMADISME AU SAHARA

*Claude Bataillon (org.)*

UNESCO, Paris, 1963, 195p.

Trata-se de um trabalho coletivo sobre os nômades do deserto do Saara onde se destacam os artigos de Bataillon. O volume combina artigos mais gerais sobre o nomadismo do deserto com outros que são fruto de pesquisas realizadas na região. Além de estudar várias das etnias e grupos em questão, este trabalho trata da sobrevivência do nomadismo em meio às transformações do mundo moderno.

### OS CIGANOS DO BRASIL: Subsídios históricos, ethnográficos e linguísticos

*José B. D'Oliveira China (org.)*

Ed. Imprensa Oficial do Estado, São Paulo, 1936, 112p.

Conjunto de livretos que buscam documentar a história da chegada dos povos ciganos no Brasil, o modo como se espalharam e sua cultura em geral. Traz elementos sobre a língua que praticam e os costumes que os caracterizam.

### OS CIGANOS: Aspectos da Organização social de um grupo cigano em Campinas

*Maria de Lourdes Sant'Ana*

FFLCH/USP, 1983, 186p.

Trata-se do resultado de uma pesquisa realizada na cidade de Campinas entre grupos ciganos, considerados numerosos na região. O texto resgata seus antecedentes históricos, analisa os ciganos como grupo étnico e suas relações com a sociedade nacional.

### LOS ITINERANTES EN COLOMBIA

*Sergio Morotti*

Conferencia Episcopal de Colombia, Bogota, 1995, 69p.

Este estudo abarca os que trabalham no setor de transporte terrestre de carga e de passageiros, os que trabalham no transporte aéreo, os trabalhadores de circo, das temporadas de férias e festas e os ciganos. Descreve, brevemente, o número de pessoas implicadas nestas categorias, sua situação familiar e social, seu trabalho e sua psicologia. Dá uma atenção especial ao aspecto religioso, visando subsidiar uma possível ação da Igreja junto a estes grupos.

### NOMADISMUS - Theorie und Wandel einer sozio-ökologischen Kulturweise (NOMADISMO - Teoria e mudança de um modo sócio-ecológico de cultura)

*Fred Scholz*

Franz Steiner Verlag, Stuttgart, 1995.

(Série: Erdkundliches Wissen 118)

O geógrafo alemão Fred Scholz apresenta, neste livro, a história, teoria, fundamentos e fenômenos de um "modo cultural sócio-ecológico": o nomadismo. Com auxílio de ilustrações (figuras, tabelas, fotos e mapas), o autor elabora teses do surgimento e decadência do nomadismo, e diversidades da "pecuária móvel" dos nômades, na faixa desértica do norte da África, do Oriente Médio e da Ásia.

# SEJA UM COLABORADOR

**T**ravessia está aberta à publicação de artigos de pesquisadores e estudiosos que analisam a realidade em que o migrante está envolvido, a partir dos diferentes ramos do conhecimento: social, político, cultural, econômico, antropológico, educacional, etc.

A revista destina-se, fundamentalmente, a um público intermediário; quer ser uma ponte entre a produção acadêmica e a produção popular. Se for do seu interesse, envie artigos para a redação, obedecendo aos seguintes quesitos:

- De preferência, artigos que se enquadrem dentro dos temas previamente anunciados, conforme consta ao lado;
- Tamanho: 250 linhas de 75 toques, incluindo notas e bibliografia;
- Intercalar o texto com alguns intertítulos;
- Clareza de linguagem e simplificação dos conceitos;
- Na medida do possível, enviar algumas fotos com os respectivos créditos, posteriormente serão devolvidas;
- Os artigos devem ser inéditos;
- Fazer constar breve identificação do autor, endereço e telefone;
- Notas: utilizar apenas nos casos em que o texto requer alguma explicação relevante;
- Referências: devem constar no interior do texto, entre parênteses, com o nome, ano, e quando específicas, a página. Ex: (Silva, 1996, p. 3);
- Bibliografia - Pede-se seguir este padrão:

a) Livros: nome do autor; ano entre parênteses; título do livro em itálico; local da publicação; nome da editora. Exemplo: FERNANDES, Florestan. (1977) *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis, Vozes.

b) Artigos: nome do autor; ano entre parênteses; título do artigo entre aspas; nome do periódico em itálico; volume (se houver) e nº; mês(es); nº da página.  
Exemplo: SARTI, Cynthia Andersen. (1995) "São os Migrantes Tradicionais?". *Travessia-Revista do Migrante*, nº 23, setembro-dezembro, p. 11.

*N/B:* Por tratar-se de artigos breves, pede-se utilizar os recursos acima com parcimônia.

- O autor de artigo publicado receberá dez exemplares da revista.

**O Conselho Editorial reserva-se o direito de submeter os artigos à sua apreciação**

## PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

### TRAVESSIA Nº 28

MIGRAÇÃO  
E  
MEIO AMBIENTE

(MAI-AGO/97)

Prazo para  
envio  
dos artigos:  
(10/02/97)

### TRAVESSIA Nº 29

ALBERGUE  
E RUA

(SET-DEZ/97)

Prazo para  
envio  
dos artigos:  
(30/05/97)

### TRAVESSIA Nº 30

CLANDESTINIDADE

(JAN-ABR/98)

Prazo para  
envio  
dos artigos:  
(15/10/97)

## À ROMÁ

Um dia... lá do Oriente  
de onde tudo começa  
partiu meu povo contente  
caminhando sem ter pressa

Quando partiu... ninguém sabe  
Por que partiu?... ninguém diz  
Partiu... quando deu vontade  
Por que partiu? Porque quis

Então aqui aparecemos  
sem nunca saber quem somos  
nosso passado esquecemos  
só interessa o que somos

Quem diz que Pátria não temos  
engana-se de uma vez  
A nossa Pátria sabemos  
É maior que a de vocês

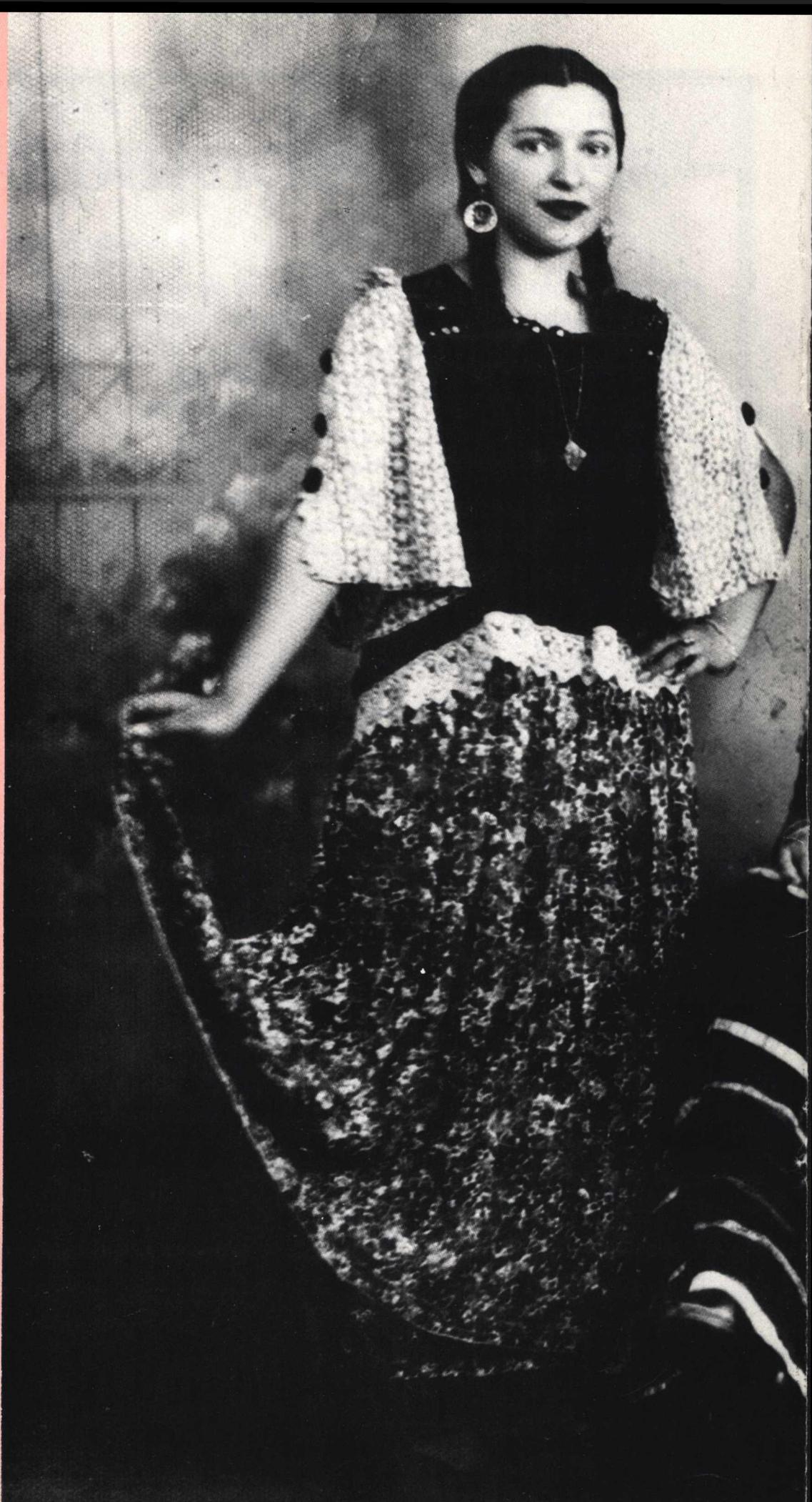
Sua Pátria é um país somente  
A nossa é toda essa terra  
Que Deus nos deu de presente  
Por nunca fazermos guerra

Somos um povo que canta  
Feliz por saber viver  
O pôr do sol nos encanta  
Amamos o amanhecer

O ontem sempre é passado  
Amanhã sempre o futuro  
Vivemos despreocupados  
o hoje: que é mais seguro

E assim sempre de partida  
Ora no campo, ora na cidade  
Amamos a nossa vida  
Somos reis da Liberdade!

Zurca Sbrano



## À ROMÁ

*Um dia... lá do Oriente  
de onde tudo começa  
partiu meu povo contente  
caminhando sem ter pressa*

*Quando partiu... ninguém sabe  
Por que partiu?... ninguém diz  
Partiu... quando deu vontade  
Por que partiu? Porque quis*

*Então aqui aparecemos  
sem nunca saber quem somos  
nosso passado esquecemos  
só interessa o que somos*

*Quem diz que Pátria não temos  
engana-se de uma vez  
A nossa Pátria sabemos  
É maior que a de vocês*

*Sua Pátria é um país somente  
A nossa é toda essa terra  
Que Deus nos deu de presente  
Por nunca fazermos guerra*

*Somos um povo que canta  
Feliz por saber viver  
O pôr do sol nos encanta  
Amamos o amanhecer*

*O ontem sempre é passado  
Amanhã sempre o futuro  
Vivemos despreocupados  
o hoje: que é mais seguro*

*E assim sempre de partida  
Ora no campo, ora na cidade  
Amamos a nossa vida  
Somos reis da Liberdade!*

*Zurca Sblano*

# TRAVESSA

revista do migrante

Publicação do CEM - Ano X, número 27, Janeiro-Abril/97



ISSN 0103-5576

# NOMADISMOS